

RIVISTA DELLE FIGLIE DI MARIA AUSILIATRICE

Da Mihi Animas
dmda

04
2021
ANO LXVIII
trimestral

#geratividade

Editore

Istituto Internazionale
Maria Ausiliatrice
Via Ateneo Salesiano, 81
00139 Roma
tel. +39 06872741
fax +39 0687132306
www.rivistadma.org
editor@rivistadma.org
dmanews1@cgfma.org

Direttrice responsabile

Mariagrazia Curti

Redazione

Maria Helena Moreira
Gabriella Imperatore

**Hanno collaborato
a questo numero**

Mara Borsi, Giulia Paola Di Nicola,
Attilio Danese, Pina Del Core,
Emilia Di Massimo, Mariano Diotto,
Gabriella Imperatore, Molinari Elisa,
Paolo Ondarza, Andrea Petralia,
Veronica Petrocchi, Eliane Petri,
Martha Sêide,
Célia Aparecida da Silva,
Cecilia Fauza (tradutores)..

Layout e grafica

VICIS Srl

Impaginazione e tipografia

VICIS Srl

V.le delle Provincie, 37 - 00162 Roma
www.vicis.it

Edizione Extracommerciale

La rivista dma è realizzata sobre
carta ecológica certificada FSC,
constituída de pura celulose e.c.f. e
por un elevado conteúdo de fibras de
recuperação (pelo menos 25%).

foto Archivio FMA
foto Shutterstock



Associata USPI
Unione Stampa
Periodica Italiana

SUMÁRIO

Editorial

Gerativos no coração do mundo **01**

Dossiê

#generatività...
desafio educativo **02**

Edu@car

De geração
em geração **12**



Horizonte família

Geradores da Família **16**

Filo de Ariadine

Educar à "geratividade" ...
para uma formação aberta
à mudança **20**

Em direção ao CG XXIV



**Por uma nova
cidadania**

Cidadania ligada a um pacto
por um futuro sustentável **24**



Em êxodo

Os migrantes, não
números, mas irmãos **28**

#mulher

O bem faz bem **31**

Polifonia

Dar um sentido à vida **34**

**#comosovens...
em escuta**

Educação florestal para
promover um futuro
sustentável **37**

Comunicar

Comunicação
digital gerativa **40**

Em direção ao CGXXIV

Mornese. Comunidade em
saída com os jovens **44**

Música

Emoções musicais: entre
técnica e cérebro **47**

Cinema

Atlas: as escaladas da alma **50**



Literatura

A chamada **53**

Camilla

Tempo de... **56**

Dossiê



02

A conclusão de um ciclo da vida leva sempre à decisão de olhar o caminho feito como um tempo de graça, de oportunidade e de conscientização. No coração do conjunto de revistas deste ano, houve intencionalidade de gerar vida na missão, no diálogo, no trabalho, no silêncio, nos textos, no comunicar, no ir ao encontro do outro.

O fio invisível da geratividade nos impulsionou a repensar a missão salesiana como lugar teológico. Deus está em tudo. Deus cria e recria sempre e precisa de nossas mãos e do nosso desejo. Continua a gerar a vida no Instituto FMA desenvolvendo as energias vitais e divinas presentes no mundo, nos sonhos dos jovens, na audácia dos colaboradores que abraçam o carisma salesiano, tornando criativa a obra de Dom Bosco e de Madre Mazzarello, hoje.

A geratividade salesiana é um dom, uma graça, uma responsabilidade em relação à vida sempre tão ameaçada. Ser gerativos nos faz assumir uma atitude audaz no defender o direito à vida, à liberdade, à paz, à justiça, à criação, ao trabalho, à educação, à saúde, à mobilidade que não conhece fronteiras; a acolher os migrantes para integrá-los na sociedade e a dar prioridade à pessoa. Esta é uma geratividade Evangélica que coloca em questão, faz repensar nas decisões pessoais e institucionais. O Evangelho requer decisões coerentes aos valores comunicados por Jesus.

1

Editorial

Gerativos no coração do mundo

A geratividade traz consigo o empenho pela sustentabilidade das relações com o outro, com a natureza, para viver a ética da ecologia integral. O empenho para salvar a terra não brota somente dos projetos, mas dos esforços cotidianos para a mudança e o cuidado da casa comum. *Como*

pessoalmente e institucionalmente cuidamos dos bens que hoje são ameaçados? Que escolhas fazemos para garantir a sustentabilidade? Somos convidados a passar da vigilância ao amor vigilante que abraça a vida na sua plenitude e a defende.

Os passos realizados no Instituto das FMA manifestam uma nova face ecológica que interpela, a fim de que a harmonia entre o desejo e o agir se realize através das vias da coerência evangélica.

O Magistério do Papa Francisco é marcado pela geratividade. Uma das vias gerativas é a misericórdia. Uma misericórdia que toca o coração da humanidade, que sabe acolher as necessidades e os sofrimentos do outro. O amor evangélico se torna expressão de acolhida da diversidade, superando as desigualdades sociais e tudo aquilo que ameaça o outro. Gerar misericórdia, como diz Papa Francisco, é gerar *concretude*. É tocar o vivido, aferrar o inexprimível, a dor escondida, a pureza das crianças, a audácia dos jovens, a sabedoria dos anciãos, a beleza da arte, as expressões educacionais do cotidiano das Comunidades Educativas.

Concluimos a série dos artigos de DMA - 2021, recolhemos a alegria de um caminho sinodal realizado em rede. Em uma rede de gratidão a todos que tornaram possível a elaboração da Revista DMA, um espaço de diálogo, de reflexão, de criação, de comunicação. Um "nós" gerativo é a vida a ser perseguida, criando estilos sinodais de comunhão e de vida para todos, a modo de "todos irmãos".

Maria Helena Moreira, FMA

mhmoreira@cgfma.org

#geratividade... desafio educativo

DOSSIÊ

Gabriella Imperatore, FMA
gimperatore@cgfma.org



O mundo contemporâneo está em contínua transformação, não somente cultural, também antropológica e gera novos paradigmas existenciais e novas linguagens. Cada mudança precisa de um caminho educativo que envolva a todos. Por isso é necessário construir uma “vila de educação” onde se compartilhe o empenho a gerar uma rede de relações humanas e abertas (Papa Francisco, Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo Global, Roma 2020).

“
Educação: alargar horizontes, transmitir valores e conhecimentos; construir junto um futuro de paz; gerar vida digna para cada pessoa
(Papa Francisco).
”

Construir juntos a vila da educação, em amizade e amor, na reciprocidade e na fraternidade é, hoje, um desafio para a humanidade e uma oportunidade para que todos tenham cidadania planetária. É preciso sermos conscientes de um futuro planetário que os desenvolvimentos científicos, técnicos e econômicos geram. Tornou-se essencial, portanto, iluminar e conceber os eventos, sua interação e retroação - nas quais se misturam e interconectam processos econômicos, políticos, sociais, nacionais, étnicos, religiosos - que tecem o presente e o futuro da humanidade. Há sempre maior necessidade de educação para compreender os problemas fundamentais e globais, para compreender sua complexidade.

É preciso fazer interagir os conhecimentos e educar de modo holístico e universal. É vital, portanto, *educar à era planetária*. “É necessário propor novos princípios para enfrentar as diversas complexidades que se encontram, para conceber a era planetária na sua dimensão histórica, e, portanto, multidimensional, reconhecendo que na crise atual se está formando uma sociedade - mundo que se encontra ainda em gestação e que todos devem contribuir para gerar, com atenção à formação e ao desenvolvimento de um *humanismo planetário*. (Edgar Morin, filósofo e sociólogo francês).

“A exigência que se adverte é que esta mudança não está destinada somente a algumas pessoas que têm influência no mundo da cultura e da política, mas é de uma atitude que diz respeito a todos. Também as pequenas coisas podem tornar-se substância e capacidade, oportunidade de transformação”. (Carlo Petrini, *Terra Futura. Dialoghi con Papa Francesco sull'Ecologia Integrale*. Giunti Editori, 2020).

É preciso promover processos educativos que orientem para a abertura, o diálogo, para a fraternidade a fim de habitar a contemporaneidade com audácia e esperança.

■ Educar ao diálogo, à fraternidade e à reciprocidade

“O humanismo regenerado não se limita a reconhecer a unidade humana mas liga a unidade com a diversidade humana. O humanismo deve assumir conscientemente a grande aspiração que atravessa toda a história da humanidade [...]: ele deve realizar o “Eu” na realização do “Nós”.” (Edgar Morin, *Cambiamo strada. Le 15 lezioni del coronavirus*. Raffaello Cortina Editori, 2020).

A composição multicultural das modernas sociedades favorecidas pela globalização representa, portanto, um grande recurso quando o encontro entre diferentes culturas é vivido como fonte de recíproco enriquecimento. A educação está empenhada em um desafio central para o presente e o futuro: tornar possível a convivência entre a diversidade das expressões culturais e promover um diálogo que favoreça uma sociedade pacífica. Tal itinerário passa através de algumas etapas que levam à descoberta da multiculturalidade no próprio contexto da vida, a superar os preconceitos vivendo e trabalhando juntos e levam a educar-se por meio do outro à mundialidade e cidadania planetária. Promover o encontro entre diferentes, ajuda a compreender-se reciprocamente. É grande a responsabilidade do mundo escolar e acadêmico, chamado a desenvolver nos projetos educativos a dimensão do *diálogo inter-cultural* e da *fraternidade universal*.

A educação, por sua natureza, requer abertura a outras culturas - sem a perda da própria identidade - e a acolhida do outro, para evitar o risco de uma cultura fechada em si mesma e limitada. É, portanto, indispensável que os jovens aprendam, através da experiência escolar e acadêmica, instrumentos teóricos e práticos que lhes permitam adquirir um maior conhecimento dos outros e de si mesmos, os valores da própria e de outras culturas, através de um confronto aberto e dinâmico que ajude a compreender as diferenças, evitando que gerem conflitos, tornando-se, ao invés, ocasião de enriquecimento recíproco e de harmonia. A Encíclica *“Fratelli tutti. Sobre a fraternidade e a amizade social”* propõe a fraternidade universal que coincide com a finalidade de uma verdadeira educação que foca a construção de um novo humanismo integral, inclusivo e transcendente. Para o Papa Francisco a educação é a chave mestra desse novo humanismo, assim como a fraternidade é aquilo que caracteriza o ser humano que, por sua natureza é aberto à relação e não pode atingir a própria plenitude se não se dá aos outros e não consegue comunicar -se consigo mesmo se não se comunica com o outro.

O confronto “nasce da exigência de *formar-se e de formar um coração aberto* seja para construir a família humana, desafio inevitável, como para encontrar os *estrangeiros existenciais* presentes em toda a sociedade.

■ A fraternidade, dom e tarefa

O conceito de “amor” em educação, diz respeito diretamente àquele de “dom” e de “reciprocidade”, dimensões que fundam a educação.

Trata-se de promover nas escolas e nas universidades, entre alunos e professores, entre as famílias, na comunidade, aquele movimento de dupla direção de ida e volta do amor, que se pode sintetizar em um duplo movimento de amor recebido e de amor doado, onde a reciprocidade não está simplesmente no seu êxito final, como cor-

respondência, mas é uma ação pró ativa do educador chamado a amar por primeiro.

“A fraternidade não é só um dom, é também uma tarefa. É necessário escolhê-la, cultivá-la, promovê-la: em cada ação, também nos pequenos gestos e nas escolhas quotidianas,

somos colocados diante de uma escolha: construir a cultura do encontro ou a do descarte, das inclusões ou da marginalização de quem, com sua diversidade, nos irrita e nos desagrada. A educação revela aqui, todo o seu potencial de transformação e geração. De fato, sendo uma escolha, a fraternidade não pode ser imposta, mas somente proposta à nossa liberdade e responsabilidade. Para construir a cultura do encontro é preciso uma verdadeira e própria pedagogia da fraternidade fundamentada sobre a educação à benevolência (querer o bem), à acolhida da realidade, que é mais do que a ideia, e se compara com a sua diversidade, fundada sobre a abertura e ao diálogo. O apelo é fazer-se companheiro de viagem, partilhando os desafios do percurso, na confiante certeza de que *educar é sempre um ato de esperança*, capaz de romper os determinismos e os fatalismos com os quais o egoísmo dos fortes, o conformismo dos fracos e a ideologia do utopista querem impor-se tantas vezes como única estrada possível. Estabelecer *Alianças Samaritanas* pode ser, então, o modo de responder ao apelo do Papa Francisco para promover uma cultura humanizante”.

(Piera Ruffinatti, FMA. Preside della Pontificia Facoltà di Scienze dell’ Educazione “Auxilium” Roma). O tema da educação ao dom e à reciprocidade, no horizonte da *“Fratelli Tutti”*, significa pensar em relação à fraternidade em sentido estreito e fraternidade universal, entre identidade pessoal e abertura a todos. Na parábola do Bom Samaritano a palavra *irmão* não existe. O ensinamento de Jesus é que é preciso fazer-se próximo. É preciso, pois, começar a

“**O que acontece sem a fraternidade, conscientemente cultivada, sem uma vontade política de fraternidade, traduzida em uma educação à fraternidade, ao diálogo, à descoberta da reciprocidade e do mútuo enriquecimento como valor?** (F.T. 103)

”

abrir os olhos para ver o irmão abandonado ao longo da estrada, isto é, perceber a situação de cada irmão, porque o “descartado” é inclusivo.

A universalidade desta fraternidade é a única em condição de fazer emergir a identidade de habitantes da casa comum planetária, *unidos na diversidade e diversos na unidade*.

Sonhemos como uma única humanidade, como viandantes feitos da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que hospeda a todos nós, cada um com a riqueza de sua fé ou das suas convicções, cada um com a própria voz, todos irmãos”. (F.T. 8)



■ Educar nas Redes Sociais

A educação é questão de relação, é “coisa do coração” (S. João Bosco, Fundador da Congregação dos Salesianos de Dom Bosco) e a comunidade de Valdocco é o primeiro laboratório e ambiente educativo para colocar-se em sintonia com os e as jovens, para procurar os caminhos e os espaços nos quais encontrá-los e acompanhá-los.

O Capítulo Geral XXIII solicitou ao Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA) que olhasse o ecossistema comunicativo digital como o ambiente no qual a vida cresce a partir do fundamento dos valores evangélicos e carismáticos. As FMA são chamadas a adquirir uma profunda “consciência da comunicação como missão (...) para entrar no mundo digital não só como ouvintes, mas como buscadoras de sentido e promotoras de nova cultura (Instituto FMA. *Allargate lo sguardo, Con i Giovani missionarie di speranza e di gioia*. Atti del CGXXXIII, Roma 2014,47).

“

*Comunicar é educar,
educar é comunicar*

(Dom Bosco).

”

Formar-se e formar na época digital é fundamental. Na Rede, fala-se de si mesmo, narra-se a vida e a realidade, portanto é necessário desenvolver competências comunicativas para responder às exigências do contexto contemporâneo. A FMA é chamada a viver em um contínuo exercício de discernimento evangélico para reconhecer a passagem de Deus nas vias que a humanidade percorre, marcada por rápidas mudanças em todos os campos, para promover redes de solidariedade, de justiça, de inclusão. A cultura digital oferece grandes e eficientes potencialidades comunicativas. Os jovens habitam os *socialis network* com naturalidade, fazendo deles seu pátio habitual de encontro e de troca de amizade e de união entre iguais. O virtual constitui um de-



“

*No mundo digital não
pode haver anúncio de
uma mensagem sem um
testemunho coerente por
parte de quem anuncia*

”

”



A era digital (*Digital Age*) é uma nova época na história da humanidade. Tudo está mudando, todos estamos conectados sempre e em todo lugar e é bom compreender o quanto se está transformando.

- Como discernir e tomar posição neste mundo em mudanças aceleradas?
- No contexto de intercomunicação, quais processos de aprendizagem permanente empreender, quais conteúdos promover e que atitudes suscitar?
- Como olhar os novos tempos para formar mulheres e homens que se doam aos outros, lá onde são chamados a servir?
- No cenário contemporâneo que interpela proximamente o Instituto FMA, na responsabilidade do acompanhamento formativo?
- No ambiente digital o quê ajuda a crescer em humanidade e na compreensão recíproca?

safo que não esgota a profunda busca de sentido, sobretudo dos jovens, mas é o espaço irrenunciável para atingi-los e envolve-los.

O empenho educativo de estar com os jovens no coração da contemporaneidade exige que se envolva positivamente a multiplicidade dos canais e dispositivos; depende da oportunidade e potencialidade que a revolução digital requer oferece. Viver no ecossistema comunicativo digital requer audácia e competências para dar qualidade à vida dentro e fora da Rede, para que se torne “um lugar rico de humanidade, não uma rede de fios, mas de pessoas humanas”.

A Rede não é um mundo paralelo, é parte da realidade cotidiana, na qual é possível cotidianamente ir ao encontro até dos mais distantes. A dimensão sócia relacional se expressa também na Rede, que se tornou um lugar habitado por milhões de pessoas que, deixando os próprios confins, encontram-se,

manifestam a própria individualidade e tecem inter-relações planetárias. Hoje é o momento do discernimento evangélico para colocar-se perguntas de sentido e para recolher as consequências antropológicas e éticas da presença FMA nos ambientes digitais. O acompanhamento das jovens em formação requer uma mentalidade de mudança, uma disposição a desaprender para aprender com a geração dos nativos digitais, para que se chegue à maturação de identidade clara e sólida. O apelo é às FMA e a todas aquelas que têm uma responsabilidade na missão do projeto de Deus em suas vidas.



No cenário digital é fundamental criar conteúdo de valor e de verdade. A conversa seja proposta sobre valores que a todos envolvem, para quem possa ajudar a responder às perguntas existenciais e universais.

- O que o Instituto FMA é chamado a comunicar para garantir eficácia à visão e missão carismática?
- Somos capazes de comunicar a face de uma Igreja que seja “casa” para todos?
- Somos, hoje, capazes de caminha como caminhava Jesus com os discípulos de Emaús, aquecendo o coração, ajudando-os a encontrar o Senhor?
- Somos capazes de nos fazer companheiros até ao encontro com Cristo?

■ Um convite à esperança

O tempo inédito que se está vivendo é “um convite à esperança, que nos fala de uma realidade radicada no profundo do ser humano. Fala-nos de uma sede, de uma aspiração, de um anelo de plenitude, de um confrontar-se com aquilo que preenche o coração e eleva o espírito para a bondade, a verdade e a beleza” (Papa Francisco. Encíclica “Fratelli Tutti”. Sulla Fraternità e l’amicizia sociale, Brescia Editrice Morcelliana Scholé, 2020, p.52).

As Filhas de Maria Auxiliadora são chamadas a caminhar na esperança para realizar com criatividade e audácia os novos processos educacionais no mundo digital, que é hoje o cotidiano da existência.

No horizonte de Deus, no coração da contemporaneidade, que desafios comunicativos e impactos sobre a formação devem ainda ser ressignificados?

Não tenhais medo de vos fazer cidadãos do ambiente digital.

É importante a atenção e a presença da Igreja No mundo da comunicação,
Para dialogar com o homem de hoje
E levá-lo ao encontro com Cristo:
Uma Igreja [um Instituto] que acompanha o caminho
Sabe colocar-se em caminho com todos.
Neste contexto a revolução
Da comunicação e da formação
É um grande e apaixonante desafio,
Que requer energias frescas e uma imaginação nova
para transmitir aos outros a beleza de Deus.
Nossa comunicação seja óleo perfumado
Para a dor e vinho bom para a alegria.
Nossa, luminosidade provenha
Do nosso fazer-nos próximos com amor, com ternura
De quem encontrarmos ferido ao longo da estrada.

Mensagem do Santo Padre Francisco para a 58ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais (2014). *Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro*, cidade do Vaticano.





O Instituto FMA assumiu um caminho de reflexão sapiencial sobre o novo contexto existencial, oferecendo princípios claros, critérios institucionais carismáticos e operativos para “ser comunidades gerativas no coração da contemporaneidade”. (Instituto FMA, em preparação ao Capítulo Geral XXIV, Circular nº 985, Roma, 2019. “Fazei tudo aquilo que Ele vos dirá” (Jo2,5). Comunidades Gerativas de vida no coração da contemporaneidade).

As **Linee guida sulla presenza delle FMA nelle Reti Sociali** são um Documento próprio do Instituto FMA e de grande importância para toda Filha de Maria Auxiliadora, para a vida de consagradas e de educadoras em um tempo amplamente marcado pela comunicação digital. O Instituto FMA, consciente da profunda relação entre Comunicação e Educação assumiu o empenho da Educomunicação como força profética do Sistema Preventivo hoje. (Cf. Prefácio, Madre Yvonne Reungoat).

As *Linhas Diretrizes* constituem uma das vias de atuação do Plano de Comunicação Institucional das FMA e são destinados à formação de todas as FMA, as mais jovens e as menos jovens, aquelas que já frequentam as Redes Sociais e aquelas que as habitam para estar com os e as jovens; aquelas que nutrem desconfiança em uma realidade ainda pouco conhecida e aquelas que arriscam entrar nesta

realidade sem conhecimentos suficientes para fazer dela espaço educativo.

Intencionalidade das *Linhas Diretrizes sobre a presença das FMA nas Redes Sociais*:

- formar para a responsabilidade de habitar os ambientes digitais e os *Social Network* não só pessoalmente, mas também como sujeitos institucionais a serviço da missão salesiana;
- formar uma mentalidade de mudança e de busca do conhecimento “das normas e dos dinamismos dos ambientes digitais”;
- educar à cidadania digital para sermos interlocutores e atores criativos e responsáveis, com a intuição de Dom Bosco em “formar bons cristãos e honestos cidadãos”.

O Documento é subdividido em cinco capítulos:

- 1) O cenário comunicativo contemporâneo.
- 2) A raiz comunicativa carismática salesiana.
- 3) Os desafios e os impactos da comunicação sobre a Formação.
- 4) A missão do Instituto FMA nos ambientes digitais.
- 5) Cidadania digital: direitos e deveres da Filha de Maria Auxiliadora.

(Cf. Instituto FMA, *Ambiti per la Comunicazione Sociale e Formazione, Linee Guida sulla presenza delle FMA nelle Reti Sociali*, VICIS Srl, Roma, 2021)



GERATIVIDADE

De geração em geração

Mara Borsi, FMA

mara@fmails.it

A educação não é uma técnica, mas uma fecundidade gerativa. Há uma ponte que se estabelece entre as gerações. E é essa ponte o contexto de uma educação interpretada como a passagem de uma herança viva. A herança se acompanha sempre de um calafrio, porque liga passado e futuro.

Gerar é uma experiência que tem o que fazer com a alteridade, porque nós vivemos em um contexto no qual o outro vai bem se está à distância, vai bem se me posso desligar, vai bem se o posso assimilar, afastá-lo de mim, vai bem quando o posso distanciar como inimigo que me restitui a minha identidade, de um nós contra um eles.

Na contemporaneidade a relação com a alteridade é uma relação muito complexa. Se desejamos ter inumeráveis *Follower*, amigos, relações, mas quando se tornam empenhativas, quando pedem muito, causam aborrecimento, então cedemos, dispersamos, nos desligamos.

No gerar há sempre um outro. Há um outro que vem antes, outro que

está diante de nós, que vem depois, que virá depois. Não somente eu e tu do presente, mas também o deles, das gerações que virão.

■ Geração e liberdade

Yoel Ben-Assaiag coloca em discussão a definição mais comum que existe da ideia da liberdade, isto é, a minha liberdade termina onde começa a tua. Diz Bem-Assaiag: "a época das paixões tristes: a minha liberdade não é aquilo que termina onde

começa a liberdade do outro, mas, antes começa a partir da liberdade do outro, através do outro". Neste sentido a liberdade individual não existe e existem somente atos de libertação que se conectam com os outros. Então a minha liberdade não existe se não há o outro em dois sentidos: o primeiro porque é o outro que me liberta de mim mesmo e sem esta relação difícil, empenhativa e dolorosa, tantas vezes eu não posso ser livre, porque sou escravo de tudo em torno a mim, escravo dos meus limites, dos meus traumas, das minhas coações que se repetem, portanto é o outro que me ajuda a sair das prisões de mim mesmo. Além disso, não posso ser livre se os outros que me circundam são escravos, assim como não posso ser feliz se os que me estão em torno estão sofrendo. Portanto, minha liberdade tem como condição a liberdade do outro, não como seu limite. É o outro que dilata o meu espaço, não que o restringe, não que o torna sufocante.

■ A alternativa à estagnação

A geratividade é o único modelo alternativo à estagnação que é aquela esterilidade repetitiva que caracteriza a sociedade ocidental decadente contemporânea. O termo estagnação vem da teoria psicológica de Erik Erikson, que o referia ao desenvolvimento da personalidade individual, mas que se pode aplicar à leitura do mundo social. Erikson afirmava que quando se é jovem, quando se é adolescente, se assimila tudo, tem-se fome de experiência, de intensidade, depois quando se torna adulto o ser humano começa a dar. Ou melhor, há duas alternativas: ou permanece em estado de consumo perene da realidade que se tem em torno, e este é o estado de



estagnação no qual simplesmente reproduzimos um sistema, ou o ser humano se torna gerativo, isto é, ele se põe à prova, decide dar, depois de ter aprendido e continuado a receber decide que é o momento de dar e se situa em um círculo virtuoso sem o qual, de fato, a sociedade é estagnante. Também Santo Agostinho indicava que a sociedade humana se agrega em unidade dando e recebendo reciprocamente. Se se rompe este círculo vital do dar e do receber, focalizando somente o consumir e o pegar, não se pode esperar e construir um mundo social unido, em mundo em que se possa estar junto. Portanto, a geratividade é a capacidade de colocar em jogo a própria liberdade para além de si mesma, tornando-se, assim, capaz de gerar.

Não há uma terceira via, entre geratividade e estagnação. A geratividade é um paradigma antropológico, é uma matriz que pode colocar em movimento processos também muito diversos em ambientes muito diferentes.

■ Transição e “Deponenza”

As duas modalidades da ação gerativa, segundo Chiara Giaccardi e Mauro Magatti são a Transição e a “Deponenza”.

A *Transição* é uma abertura para o antes e o depois; ela nos torna capazes de receber a herança de quem nos precedeu, de receber o outro que nos enriquece de algum modo; porém é uma abertura também ao que vem, que se traduz justamente neste passar a tradição, a vida, a experiência através de nós para que possa se projetar para além de nós.

E esta passagem é, também, uma inter - temporalidade que é aquilo que se interrompeu no *time out of joint* della contemporaneidade, na qual vale somente um momento desconexo do outro. A passagem é o receber e o dar, mas é também o antes e o depois, o passado e o futuro, a herança e a promessa, a fidelidade e a esperança. São todas constelações de significado que tem o que ver com esta dimensão na qual somos protagonistas, mas em que, tudo vem antes de nós e tudo também nos ultrapassa, vai além de nós.

Na contemporaneidade somos, ao invés, habituados a formas de ações intransitivas nas quais se faz algo para que retorne em vantagem para nós; não se pensa em quem virá depois, desfruta-se uma situação para tirar máxima vantagem do momento. Não importa quem virá depois e de que modo irá viver. A mobilidade é esta consciência da relação entre o antes e o depois, condição da responsabilidade, que é condição da gratuidade e que é a condição da esperança.

A segunda modalidade da ação da geratividade é a “*deponenza*” que é a única alternativa para a poderio; a “*deponenza*” não é impotência, não é resignação, mas é consciência de que cada ação nossa é permeada de atividade e passividade. Desconhecer a passividade intrínseca de cada ação nossa é cair no delírio da onipotência que nos torna cegos. Desconhecer a dimensão ativa leva à resignação, ao cinismo, por fim vai tudo bem, não se pode fazer nada, nada ... pode-se até exagerar. A “*deponenza*” é o único antídoto ao modelo do poderio e é um modelo alternativo positivo porque justamente escapa da tentação da resignação e da impotência.

■ Os quatro verbos da geratividade

Desejar, trazer ao mundo, cuidar e deixar ir são os quatro verbos da geratividade. Estes verbos nós os podemos aplicar a diversos âmbitos: ao âmbito da vida familiar, ao âmbito do mundo das empresas, ao âmbito da política, da educação. São quatro movimentos antropológicamente constitutivos, que caracterizam os seres humanos porque o ser humano é o único que deseja.

A pessoa não tem um instinto que lhe diz o que deve fazer, tem, porém, um desejo que ajuda a transcender continuamente as condições contingentes, a angústia do dado e que faz desejar de fato, que faz tender para algo maior e é aquilo que a tem em movimento.

Trazer ao mundo é um ato necessário porque se se continua a desejar sem jamais traduzir este desejo no fazer existir algo, no apostar a vida em algo, permanece-se na abstração, no mundo das nuvens. o Trazer ao mundo é sempre um ato

exaltante porque se faz existir alguma coisa que antes não havia; isso é um sinal também de poderio, da capacidade justamente de fazer existir, de realizar, de criar algo.

Mas não é ainda suficiente uma só vez porque se não se cuida daquilo que se colocou no mundo, isto morre, se apaga ou se torna raquítico, torna-se outra coisa. E ter **cuidado** e fazer durar é o movimento mais fatigoso que tem a ver com o tempo, e não somente com o instante, mas é também o movimento da reciprocidade.

O último verbo é fundamental e é aquele de **deixar partir**. É um movimento laborioso para todos porque quando se faz existir algo, desagrada deixa-lo partir porque tem-se receio que se transforme em algo diferente, que outros não saibam cuidar dele, que sem nós que o produzimos, morrerá. Isso vale também para as mães

que não deixam seus filhos partir e, assim, não os colocam jamais verdadeiramente no mundo, mas vale também para os políticos que não deixam seus lugares a outros; vale para qualquer outra pessoa que desempenhe função de guia, que desenvolve uma função de comando e que julga não poder afastar-se dela por estar ali para o bem de outros.

Talvez estar ali e estar com outra função, colaborando com um jovem, ensinando-lhe aquilo que aprendeu, passando-lhe através do testemunho. Este é o movimento sem o qual também aquele que se trouxe ao mundo, está destinado a morrer. Do ponto de vista educativo a reflexão é séria, e ainda antes de interpelar, é seu fundamento antropológico. *Que educadores, educadoras queremos ser? Os verbos da geratividade como nos interpelam em nível pessoal e comunitário?*

O MESTRE E A ESCOLA SOBRE TRILHOS

Cada coisa tem a sua beleza, mas não todos a veem.
(Confúcio)

Aquela manhã, a nossa escola - vagão parecia um circo e o mestre Ernesto, o diretor. Semana passada o mestre nos havia proposto uma lição alternativa de ciências. Havia nos dado uma tarefa. Os pequenos deviam trazer uma flor e uma folha especial. Queria que experimentassem ser originais, que não recolhessem os exemplares todos os dias. A nós, de meia idade, havia pedido que trouxéssemos um animalzinho: “*Vivo, Senhores, não façamos como os selvagens*” havia especificado. Os maiores teriam escolhido um fruto ou vegetal. Eu estava eletrizado. Os animais me fascinavam muitíssimo. Mas não consegui senão capturar um pequeno monstro do pântano.

“*Senhores, senhoritas por favor*”, exclamou mestre Ernesto. Há muitas maneiras de ver estes animais. Como um ser sem patas, disforme, sem cor ou... como uma promessa. “*Uma promessa?*” perguntou Valéria.

“*Exato: uma promessa. Quando olho para Antônio não vejo somente um menino com as calças sempre rasgadas e os olhos sempre turvos*”. O vagão foi invadido por risadas. Uma borracha voou até atingir a testa do interpelado.

“*Vejo um futuro agricultor ou um esperto cavaleiro, talvez também um capataz ajuizado, um bravo bailarino, um pai afetuoso*” comentou mestre Ernesto com convicção.

Dirigi-se para outro banco e apoiou as mãos. “*E quando olho para Maria, vejo uma moça elegante, uma jardineira e cozinheira perfeita, como sua mãe e sua avó*”.

“*Portanto, Ikal, quando vejo o seu animal, não vejo o monstro que é. Vejo o Tritone que se tornará*”.

Tocou meu ombro, enquanto meus companheiros continuavam a rir de mim. Para mim a palavra Tritone nada significava. Só após muitos anos descobri que é um animal antiquíssimo, um personagem dos desenhos animados americanos e, por fim, o deus grego das profundidades marinhas.

O mestre, em seguida, pediu-nos que nos colocássemos em fila para irmos ao bosque: chegados ali, teríamos liberado aos animais e concluído a lição. Somente dois de nós não obedeceram o mestre.

“*Valéria?*”

Em pé, minha amiga fixava o mestre: “*Valéria, o que acontece?*”

Com grande seriedade consegui perguntar: “*E quando me olha, mestre, o que vê? O que me tornarei?*” Ele fechou os olhos por alguns segundos.

“*Você, Valéria, será aquilo que deseja ser. Aquilo*”.

(Ángeles Doñate, *La scuola sui binari*, Feltrinelli 2020)

Geradores de “família”

Giulia Paola Di Nicola - Attilio Danese
danesedinicola@prospettivapersona.it

Na tragédia da pandemia voltaram à ribalta os símbolos de uma cultura cristã e católica mesmo em uma sociedade às voltas com um longo processo de secularização das consciências.

É bem conhecida de todos a diminuição do número dos católicos praticantes que, tempos atrás, enchiam as Igrejas e não só por consequência do Coronavírus. O processo de secularização teve início há muito tempo e diz respeito a todas as Igrejas, embora isso aconteça em medida diferente nos Países Católicos (menos), nos protestantes e ortodoxos. De fato, a curva descendente da prática e da confiança nos sacerdotes e na Igreja é mais evidente nos países orientais da Europa Norte. Na

16

horizonte família



Escandinávia, no Reino Unido, Holanda, a frequência está abaixo de 10%; um pouco mais lenta na França, Alemanha, Irlanda. Na Itália, os praticantes baixaram de 33% a 27% em dez anos e, entre os jovens (18-29 anos) são somente 14%. Pode-se objetar que há uma compensação pelo fato de que os praticantes são mais fecundos do que os não crentes e que 52% dos imigrantes (da América Latina, Sul da África, Filipinas) se declaram cristãos. São muitas as razões desta crise. Olhando para as famílias, certamente as exigências multiplicadas da vida contemporânea pesam e tornam mais difícil a disponibilidade de tempo para a Missa, a meditação, a oração. Os modelos culturais contemporâneos requerem maior higiene da casa, cuidado do corpo e das vestes, competência telemática, atualização por meio de contínuo on line, capacidade de desenvolver tarefas anteriormente reservadas a especialistas no setor como preencher módulos para a escola dos filhos, para o pagamento de tachas e para várias tarefas de burocracia. Não se vive mais naqueles vilarejos com a Igreja no centro, nos quais a fé dos pais e a ausência de outros estímulos de socialização, faziam da Missa o centro de unidade da interação extra-familiar. Hoje, os ritos acabam tornando-se cansativos, ineficazes, anônimos. Em quanto “fora” há um mundo a ser explorado com amigos, com os quais partilham-se experiências, impressões, comentários, na Igreja se encontram desconhecidos que falam de amor e, talvez, não cumprimentam e disputam lugar na fila da comunhão, pessoas que vão se rever no próximo domingo e um pároco que tem pressa de chegar a outra paróquia que lhe é confiada na ausência de padres. Sem falar da moeda anônima colocada em um cofre, escondendo-se dos olhos vizinhos e se perguntando como e para que sua contribuição será usada. Hoje, quando a família se esforça para constru-

“Os crentes têm necessidade de encontrar espaços para dialogar e agir juntos para o bem comum e a promoção dos mais pobres” (Papa Francisco, Fratelli Tutti, n.282).

“Procurar Deus com coração sincero, nos ajuda a reconhecermos companheiros de caminho, realmente irmãos” (Papa Francisco, Fratelli Tutti, n. 274).

ir um clima amigo, confiante, livre, não se pode esperar que baste convocar para que cada um responda, acolha os outros e se manifeste. Precisariam hábitos radicados e fortes motivações para ir contracorrente na sociedade contemporânea. Verifica-se o fechamento de ambientes de culto, a junção das paróquias, as novas experiências de “paróquias” nos ambientes de trabalho, há leigos que assumem novas funções. Mas isto pode bastar? Se se atribui o desenvolvimento da secularização ao relativismo, ligando-o ao lacerar-se da solidez doutrinal e ao comunismo, se julga reforçar a fé com a defesa da doutrina da Igreja. Se, ao contrário, próximos ao Papa Francisco - se recolhem os “sinais dos tempos, então se estudam novos modos de comunicação, de interpretar o Evangelho na escuta das exigências das novas gerações, de usar as plataformas digitais e os sociais; de gestar os dicastérios, de valorizar os aspectos mais relacionais e comunitários da vida eclesial, de recuperar a aliança entre as mulheres e a Igreja. Sem dúvida, as mulheres foram por tradição a alma e a força do catolicismo, educando as crianças à fé, acompanhando-as à Missa e ao Catecismo - talvez enquanto os maridos - como nota ironicamente I. Silone - por ter mandado as mulheres à Igreja, ficavam fofocando sobre o sagrado ou bebendo e jogando no bar”. Secularização, feminismo, “revolução” de “68”, mobilidade geográfica e trabalhista, conquistas da ciência e da tecnologia tudo mudou. As mulheres, que nas instituições civis, conseguem alcançar altas posições, na Igreja se encontram frequentemente diante de uma hierarquia masculina que se agarra ao poder de organização e estrutura da instituição e àquela espiritual, com funções de guia sobre os gêneros masculino e feminino. A tudo isso se acrescenta a explosão de escândalos sexuais, econômicos e políticos que desnudaram uma pregação doutrinal, frequentemente incoerente com

17

os comportamentos reais. Avaliemos prudentemente os discursos, as mensagens e os sermões. Crescem a desconfiança, a dúvida, as suspeitas em relação a não poucos representantes da Igreja, que explicam a Palavra, formulam altas regras morais, julgam e se revelam “pecadores”.

No entanto não se pode dizer que aumenta o ateísmo declarado e que Deus, colocado fora dos lugares e das narrações públicas, esteja morto no silencioso grito das almas. As famílias têm exigências que frequentemente não encontram satisfação na Igreja, com pessoas que partilhando do mesmo credo e pregando com as mesmas palavras, não percebem a “proximidade”. O anonimato e a solidão, embora no barulho das praças virtuais, alimentam a sede de comunicações comunicativas, de proximidade também física, especialmente nesses tempos de coronavírus. As mudanças velozes e inespe-

radas da ciência e da técnica, que sacodem a cultura tradicional, religiosa e não desorientam mas se tornam atraentes os testemunhos de vida consideradas creíveis. Dificilmente se fala da fé em lugares públicos, nos “social”. As perguntas mais profundas, que são aquelas universais do “por que e do por quem” da própria existência ficam sufocadas. A partilha da fé passa por aquelas comunicações a “tu per tu” nos quais a coerência, a dimensão afetiva, a solidariedade se apoiam sobre trocas recíprocas e creíveis. As relações humanas profundas, a partilha do modo de sentir e viver a fé e as almas, geram comunhão e amor.

Os lugares que favorecem a amizade raramente são as paróquias e as grandes reuniões que acendem o entusiasmo e fogos de pouca duração. P. G. Gawron-

ski, escreveu: “A vida não pode se manter à margem da Igreja, só comentada, julgada ou perdoada pelo clero. Os cristãos precisam explorar, refletir e falar entre si do seu ser cristão”. É mais fácil estabelecer relações significativas “entre duas ou mais pessoas”, face a face, quando o clima relacional é considerado merecedor de abrir-se ao outro, naqueles lugares informais nos quais se encontram pessoas de várias crenças. Talvez não se fale de Deus e se desconfie da etiqueta da fé mas se partilham as fragilidades e, ocasionalmente acontecem auxílios recíprocos. Somente, então, as dúvidas, as seguranças, as confidências relativas aos próprios percursos de vida, incluídas as expe-

“A Igreja é uma casa com as portas abertas, porque é Mãe. Uma Igreja que serve, sai de casa para acompanhar a vida, reforçar a esperança, ser sinal de unidade para lançar pontes, derrubar muros, semear reconciliação” (Papa Francisco, Fratelli Tutti, n. 276).

riências de fé, emergem e prevalecem sobre certezas.

Os desafios do mundo contemporâneo exigem pessoas capazes de gerar relações significativas a “tu per tu”, em todos os ambientes e em pequenos grupos nos quais é possível encontrar coerência, a excelência das pessoas individualmente, a credibilidade das narrações. Sem relações, sem perceber interiormente o apelo que vem das vozes amigas dispostas a partilhar as expe-

riências de vida, falta aquela corrente quente (para repetir o que diz I. Mancini) que é a alma da fraternidade e o pressuposto da comunhão cristã.



Educar à “geratividade”... para uma formação aberta à mudança

Pina Del Core, FMA
pina.delcore@gmail.com

Na atual época de transição, caracterizada pela complexidade e incerteza, por cenários de futuro marcados pela mudança seja na pessoa, nos estilos de vida e nos sistemas de valores, seja nas lógicas e nos paradigmas que guiam a cultura e as políticas, existe uma possibilidade alternativa de fazer frente a tais ingovernáveis processos que têm atingido também a vida consagrada e seus processos formativos?



Uma resposta a esta questão muitos a encontram no conceito de *geratividade* que nestes anos suscitou um interesse notável em todos os campos do saber. Talvez porque o termo vem frequentemente utilizado como sinônimo de criatividade, flexibilidade, inovação, geração do “novo” em um mundo que muda continuamente.

O termo *geratividade*, tornado hoje muito comum, difundiu-se sempre mais no âmbito das ciências humanas: *pensamento gerativo, aprendizagem gerativa, comunidades gerativas, leadership gerativa, welfare gerativo*, etc. são alguns modos de falar da geratividade.

Em tempo de crises e de emergência educativa a *geratividade* pode se tornar um paradigma, um novo modo de pensar as ciências humanas, em particular a pedagogia. (DARIO Nadia, 2014). Trata-se de uma abordagem sobre educação e formação que não é “nova”, mas é preferivelmente conatural a esta: focar, em termos *gerativos* a formação, significa, primeiramente, ver com nossos olhos a realidade que nasce e que renasce a cada ponto de inflexão da existência e de história; significa assumir a tarefa de tornar as pessoas capazes de viver abertas e flexíveis, eticamente especialmente sustentáveis, orientadas para o futuro, capazes de projetar o próprio futuro fugindo dos estreitos vínculos do individualismo ou do excesso de presença, e sobretudo capazes de assumir o cuidado da vida e dos outros.

■ A necessidade de educar para a geratividade

No contexto contemporâneo *educar à geratividade* constitui uma solicitação e uma necessidade. No entanto nos perguntamos se isto é ainda possível na complexidade da nossa sociedade dominada pelo individualismo, pela busca do bem-estar pessoal, pela autorreferencialidade narcisista mais do que pela disposição ao dom e à solidariedade nas relações pessoais e sociais, na política como na economia.

Educar e formar à geratividade pode ser uma resposta ao predomínio do capitalismo tecnológico e nihilista, hoje em dia tão invasivo seja no plano cultural como no social, político econômico e até no plano das relações, das institucionais àquelas interpessoais, na vida pri-

vada como na vida pública, no trabalho como no vasto campo da formação e da educação.

Como, então, valorizar as grandes potencialidades gerativas presentes na ciência, na técnica, na política e na economia, nas organizações sociais, sobretudo nas instituições educativas e em todos aqueles espaços da cultura que têm a tarefa de elaborar o futuro, inclusive interne e as novas mídias? O poder gerativo potencialmente presente nesses âmbitos do humano e do seu desenvolvimento pode e deve emergir novamente. É necessário, porém, criar condições individuais e realizar *percursos formativos ad hoc* que permitam promover nas pessoas e nas comunidades aquelas atitudes e competências indispensáveis para gerar aprendizagens, ações e projetualidade a longo prazo, que por sua vez, formem pessoas flexíveis, capazes de adaptação e de cuidado, e sobretudo disponíveis à mudança.

■ Educar e gerar: a força gerativa da relação educativa

Existe uma ligação muito estreita entre *educar* e *gerar*. Que é de fato, a *relação educativa* senão um *ato gerativo* na qual se estabelece um nexos profundo entre maternidade/paternidade (“além” daquela biológica) e a experiência de sermos filhos.

Geratividade e *filiação* se entrelaçam a ponto de liberar a capacidade gerativa da pessoa justamente no ato de reconhecer com gratuidade ter sido gerada e de acolher/aceitar a própria condição de filiação.

Um primeiro e importante passo para educar à geratividade consiste, então, no reconhecer de termos sido gerados à vida, premissa indispensável para desenvolver a capacidade de doar e gerar outros à vida. Isto é evidente nas *relações* com os *genitores*, “espaço acolhedor” para assumir o cuidado do outro, lugar de aprendizagem do “cuidado responsável” e, portanto, de uma geratividade adulta e madura. A *relação educativa* por analogia realiza a dimensão simbólica do gerar, encarregando-se, de algum modo, do crescimento do outro. Por isto, é preciso deslocar a atenção de um sujeito projetado sobre si mesmo que se considera centro do mundo, a um sujeito que é

parte do mundo (pertença). Não nos construímos sozinhos, mas somos formados pelos outros, pela realidade, pela história, pela cultura e pela educação. Assim se pode recuperar o impulso rumo ao futuro, aprendendo a antecipá-lo e a prefigurá-lo, abrindo-se a novas possibilidades de amadurecimento, para além do limite do tempo, situando-se em um mundo e em uma rede de relações por sua vez gerativas, que ativam processos vitais através de gerações sucessivas.

A centralidade da relação educativa, como lugar privilegiado de relações gerativas, constitui o marco sobre o qual se funda a educação e a formação. É uma tarefa ética de grande responsabilidade, uma preciosa tarefa moral que impulsiona os educadores à humanização do outro tornando-o autônomo, livre e consciente, capaz de fazer frente à vida e às suas situações imprevisíveis dando significado às próprias ações.

Quem poderá promover relações de tipo gerativo, espaço privilegiado de desenvolvimento da geratividade? A atitude gerativa presente nas pessoas chamadas a desenvolver um serviço de autoridade, como em um processo sinodal, faz nascer naqueles que lhe são confiados comportamentos e atitudes de abertura ao confronto com os outros e com a realidade, habilidade em colaborar partilhando decisões e ações em vista de objetivos comuns a serem alcançados à luz de uma clara visão da vida. E isto sem exercer uma função de autoridade que impõe aos outros a própria visão, mas oferecendo-se como guia, orientando e motivando rumo a metas partilhadas e coerentes com os valores que derivam da missão comum.

■ Urgência de uma liderança gerativa

Não pode haver autoridade se não gerativa, especialmente neste tempo e na Igreja de hoje. Se ao longo dos séculos, particu-

larmente em alguns contextos culturais, o exercício de autoridade, por vezes se transformou em exercício de poder, de controle e/ou comando, com a desagradável consequência de experiências de abusos de autoridade, a lógica evangélica e o conceito mesmo de *autoridade* (*auctoritas* do verbo *augere* significa *crescer e fazer crescer*) colocam em discussão toda forma de lógica funcional ou de poder, sobretudo naqueles que são chamados a coordenar, animar e servir, a cuidar e gerar processos de crescimento e de inovação nas pessoas e nas comunidades.

Nos contextos de complexidade demonstrou-se toda a ineficácia de uma *liderança autoritária* que resulta inadequada às dinâmicas e às exigências culturais e relacionais emergentes das pessoas e das organizações, sejam elas empresas corporativas, como eclesiais ou religiosas. E não é mais pensável justamente após as crises de autoridade, em todo âmbito, geradas por uma cultura que quereria eliminar qualquer forma de autoridade em nome de uma mal-entendida liberdade e de uma lógica ideal de igualdade e indistinção de funções e tarefas.



Uma *autoridade gerativa* é capaz de orientar, motivar e inspirar, encorajar despertando confiança e aproximando-se das pessoas com grande respeito, mas sobretudo é autoridade que sabe cuidar dos interesses, das necessidades de crescimento seja no plano pessoal como vocacional e profissional de cada pessoa.

Adotando um modelo de *leadership gerativa* se consegue:

- construir um ambiente de colaboração onde há partilha de responsabilidade e tarefas em clima de confiança e respeito recíprocos com a força de uma coesão que nasce da experiência de pertença;
- promover a evolução dos comportamentos de interação positivos criando condições de autonomia das pessoas e dos contextos em grau de favorecer interconexões gerativas e trocas recíprocas;
- envolver o empenho e as energias dos colaboradores rumo a objetivos unitários e partilhados, solicitando a criação de cenários repletos de significados e, portanto, motivantes;
- ajudar as pessoas a desenvolver as capacida-

des de adaptação à mudança, além da capacidade de intenção, que permitem de estar prontos no presente para o futuro: antecipar o futuro, de fato permite a reorganização das energias para o crescimento, fazendo nascer nas pessoas as condições para a mudança.

Propor uma *liderança gerativa* é um desafio cultural e educativo crucial, hoje. E o momento é propício para que se possa concretizar aquela *antropologia relacional* que está na base do carisma educativo salesiano, contrária a uma antropologia radicalmente individualista que está diante dos olhos de todos. De fato, é no entrelaçamento único das nossas relações, aquelas que nos foram dadas e aquelas que sabemos alimentar ao longo do tempo, que nossa individualidade, única e irrepitível, assume formar e cresce.

Eis alguns *passos ou percursos formativos* para desenvolver e promover a geratividade:

1. *Antepor mais estavelmente o “ nós” ao “ eu”* para sair do individualismo e abrir-se a uma dimensão de solidariedade na convicção de que o bem-estar pessoal passa através da realização do bem-estar da comunidade e não vice-versa.
2. *Dar novamente à comunidade uma função chave de motor e guia de um novo renascimento* para que, oferecendo uma moldura comum de sentido, saiba guiar e encaminhar os significados do agir educativo e pastoral em relação com os outros, na partilha e corresponsabilidade, sendo todos interdependentes como pessoas, como ambiente e como instituição educativa presente e operante no território.
3. *Redescobrir a atitude de acolher os recursos* presentes nas pessoas e no ambiente, valorizando-os e apostando neles, também nos recursos “resíduos” ou aqueles ainda não plenamente expressos. Crer na regeneração de capacidades e criatividade adormecidas ou inibidas criando “espaço” e desejo para nossos filhos e filhas.

Cidadania ligada a um pacto por um futuro sustentável

Sr Martha Séide, FMA
mseide@yahoo.org

No contexto da Agenda 2030 pelo desenvolvimento sustentável, no foco do Pacto Educativo Global lançado pelo Papa Francisco, em continuidade com a Encíclica sobre a casa comum e sobre a fraternidade universal, evidencia-se a aliança cidadã como condição indispensável para um futuro sustentável, investindo na educação.

No coração do mundo interconectado

“Não há passageiros na “Barca Terra”. Somos todos membros da mesma equipe técnica. Esta frase do sociólogo Marshall Mc Luhan, coincide perfeitamente com a expressão: “*Estamos todos na mesma barca*”, com a qual o Papa Francisco descreve a exploração acelerada do planeta e a situação preocupante em nível mundial neste tempo de pandemia. A crise gerada pela Covid-19 colocou em evidência a fragilidade da sociedade, a debilidade e os limites do atual modelo de desenvolvimento com uma série de consequências frequentemente danosas que assinalaram todo âmbito de existência. Neste mundo interconexo, se se deseja evitar uma catástrofe em âmbito planetário, urge mudar rota. É necessário repensar os estilos de vida, o modo de estar no mundo, a relação com os ecossistemas da terra e com os outros seres humanos. O grito da terra clama por aliança, por abraçar a fraternidade e a solidariedade como novas estratégias para construir um futuro sustentável.

Cidadãos ligados a um pacto pela mudança

A urgência da mudança rumo a um futuro sustentável não é um dado recente, mas foi acolhida de maneira coral e decisiva em 2015 quando os governos de 193 Países, membros das Nações Unidas, firmaram a “Agenda 2030 pelo Desenvolvimento Sustentável” (OSS) que inclui 17 objetivos e 169 metas. No preâmbulo se lê: “Estamos decididos a mobilizar os meios necessários para implementar esta Agenda através de uma *Colaboração Global* em vista do desenvolvimento sustentável, baseada sobre um espírito de reforçada solidariedade global concentrado em particular sobre as necessidades dos mais pobres e dos mais vulneráveis e com a participação de todos os países, de todas as partes unidas pela mesma causa e de

todas as pessoas”. Esta afirmação deixa perceber a seriedade do empenho em nível mundial. No mesmo ano, com a publicação da Encíclica *Laudato Si*, Papa Francisco renova o apelo a unir as forças pela obtenção da mudança. “O desafio urgente de proteger nossa casa comum compreende a preocupação de unir toda a família humana em busca de um desenvolvimento sustentável integral, pois sabemos que as coisas podem mudar”. (L.S. 13) Isto implica um percurso de autoconsciência para deixar-se envolver pessoalmente e uma nova solidariedade universal para colaborar, cada um segundo os próprios talentos e recursos. De fato, a consciência de que o futuro da humanidade e do nosso planeta está em nossas mãos e nas mãos das novas gerações responsabilizadas, no empenho de passar o testemunho às gerações futuras agindo no foco da sustentabilidade (cf. OSS 53).

No foco da sustentabilidade

A sustentabilidade é um conceito multidimensional, dinâmico e adaptável a uma pluralidade de âmbitos: ambientais, socioculturais, econômicos, jurídicos e políticos. O conceito remonta já ao “Rapporto” da norueguesa *Gro Harlem Brundtland*, publicado em 1898, com o título “*O nosso futuro comum*”. Segundo este “Rapporto, o desenvolvimento sustentável “permite à geração presente satisfazer as próprias necessidades sem comprometer a possibilidade das gerações futuras de satisfazer as próprias”. Esta definição permite entrever a dimensão ético-social, guiada pelo princípio da



equidade intra-geracional (paridade de acesso aos recursos para todos os cidadãos) e inter-geracional (mesmas oportunidades para as gerações presentes, passadas e futuras). Assim, a sustentabilidade é compreendida de modo holístico porque o equilíbrio entre desenvolvimento econômico, progresso social e tutela ambiental pode determinar uma melhoria de qualidade de vida para todos, mantendo nos limites naturais a capacidade de carga dos ecossistemas que nos sustentam. Neste sentido, garantir a sustentabilidade do desenvolvimento implica uma participação ativa dos cidadãos e uma maior tomada de consciência e de responsabilidade por parte da inteira coletividade. Para tal fim, é indispensável uma formação “*ad hoc*” porque investir na educação é investir no futuro.

■ A educação como uma forma de investir no futuro

Para construir um futuro mais sustentável, de acordo com os ODS, as novas gerações precisam de conhecimentos, habilidades, valores e atitudes que as fortaleçam e as transformem em verdadeiros agentes de mudança rumo à sustentabilidade. Para isso, a Educação para o Desenvolvimento Sustentável é essencial para adquirir essas competências. Como declarado no Objetivo 4: “Até 2030, garantir que todos os estudantes adquiram os conhecimentos e habilidades necessários para promover o desenvolvimento sustentável através, entre outros, da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não-violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável” (ODS 4.7). Deve-se reconhecer que a pandemia também teve um impacto negativo na educação e retardou o processo para atingir este objetivo. Portanto, há uma necessidade urgente de repensar a educação voltada para a sustentabilidade como visão.

Educar ao desenvolvimento sustentável

A literatura sobre educação ao desenvolvimento sustentável é muito rica e amplamente desenvolvida nas organizações nacionais e internacionais

além do âmbito da pesquisa científica pluridisciplinar e mundial. Basta uma exploração na *web* para tomar conhecimento das boas práticas existentes a este respeito. A educação ao desenvolvimento sustentável se concretiza em uma educação chamada a formar para a autonomia, habilitando as pessoas a construir os instrumentos de que têm necessidade para serem produtivas e criativas, continuando a aprender, a receber os problemas em vista de uma convivência pacífica, a pensar no futuro cuidando das ações do presente. “Quando as nações garantem a todos e por toda a vida o acesso a uma tal educação, uma revolução silenciosa se põe em movimento: a educação se torna o motor

do desenvolvimento sustentável e a chave de um modo melhor” (Repensare l'educazione, 2018, 34). Nesta perspectiva, a educação à sustentabilidade deve ser situada de modo transversal para assegurar às novas gerações uma instrução de qualidade inclusiva e equânime e oferecer oportunidade de aprendizagem contínua para todos (cfr. OSS 4). Em outros termos, educar à sustentabilidade requer um quadro e referência atualizado nos princípios éticos e democráticos que possam inspirar projetos capazes de gerar cidadãos responsáveis em condição de promover o bem comum, respeitar os direitos próprios e de outrem, melhorar as condições de vida da própria coletividade e dos que estão mais

distantes. Neste sentido, a educação ao desenvolvimento sustentável reenvia ao conceito de educação integral que leva em conta todas as dimensões da pessoa e da vida para alcançar um bem-estar igual para todos e sustentável. Eis porque é urgente reconstruir o pacto educativo global.

Pacto educativo global por um futuro sustentável

Para alcançar o escopo da educação ao desenvolvimento sustentável, o convite do Papa é mais do que atual. É preciso constituir uma “Aldeia de educação que gere uma rede de relações humanas e abertas, favorecendo a criatividade e a responsabilidade. Tal aldeia deve colocar ao centro a pessoa, favorecer a

criatividade e a responsabilidade em vista de uma projetualidade de longa duração e formar pessoas disponíveis para se colocar a serviço da comunidade”. (Discurso ao Corpo Diplomático junto à Santa Sé, 9-01-2020). Somente assim se pode ter esperança em um futuro sustentável, no qual as instituições educativas sejam promotoras da cultura do encontro, da fraternidade, da justiça e da paz da qual há tanta necessidade, hoje.



Os migrantes, não números, mas irmãos

Gabriella Imperatore, FMA
gimperatore@cgfma.org

O Papa, desde sua primeira viagem a Lampedusa “nunca mais desceu da barca”. A imagem expressa a missão da Igreja universal a favor dos mais vulneráveis, daqueles que são obrigados a fugir da guerra da pobreza. Hoje, enquanto se assiste ao maior movimento de pessoas deslocadas e de refugiados da história recente, a Igreja continua a missão em solidariedade com as pessoas em fuga.

28

em êxodo



Toda a história da humanidade é perpassada por deslocamentos de massa, misturas, movimentos e reassentamentos. As migrações, desde sempre, representam o paradigma entorno do qual a humanidade plasmou-se a si mesma, o motor de todo progresso, de todo avanço, de toda modernidade. Os valores, os princípios e comportamentos se constroem a partir da base dos estímulos que são recebidos e dos exemplos que se cruzam. As migrações constituem parte do cotidiano, são uma oportunidade de crescimento para todos, como indivíduos, como sociedade, como economia, como comunidade. Por isso é preciso mudar nosso olhar para os migrantes e o mundo, endossar novas lentes, estabelecer as justas interconexões para compreender esta realidade, realizar trocas e abrir portas e construir pontes. A Igreja em saída está pronta para o encontro com todos, sem distinção alguma. É uma Igreja peregrina que se põe na estrada e caminha, com atitude de abertura, de partilha

“A esperança é aquilo que move o coração de quem parte, é também aquilo que move o coração de quem acolhe: o desejo de encontrar-se, conhecer-se, dialogar” (Papa Francisco).

“Tornar possível às pessoas a possibilidade de manifestar-se plenamente através das próprias capacidades e talentos, compartilhando a mesma esperança”.

Partilhar a viagem...

Share the journey, é o título de campanha global inaugurada em 27 de setembro de 2017 por Papa Francisco com o convite: “Irmãs, não tenhamos medo de partilhar a viagem! Não tenhamos medo! Não tenhamos medo de partilhar a esperança”. O Objetivo é a criação de espaços de encontro entre migrantes, refugiados e comunidades locais, promovendo a cultura do encontro e do conhecimento recíproco, através de iniciativas realizadas pela *Caritas Internacional*, com a cobertura da FAO, UNHCR E OUTRAS Organizações mundiais. Quatro anos (2017-2020), marcados por diversos momentos: *Share the Meal*, para unir forças com outras crenças e partilhar uma reflexão entre comunidades locais migrantes e refugiados; *Global Solidarity Walk* para percorrer um milhão de quilômetros com migrantes e refugiados, entretendo-se e criando ligações de solidariedade com eles. O Santo Padre tem

e solidariedade com toda a humanidade e, em particular, com as pessoas mais vulneráveis.

■ Ser pessoas-pontes

As migrações fazem parte das dinâmicas globais. É preciso trabalhar junto para construir um mundo mais estável e próspero para todos. Hoje, enquanto enormes massas humanas são constringidas ao abandono das próprias casas e as próprias famílias devido a perseguições, violências, catástrofes naturais, mudanças climáticas e pobreza, é preciso reconhecer que a migração é também uma resposta humana natural para as crises e um testemunho do desejo inato de todo ser humano de ser feliz e de gozar de uma vida melhor.

É fundamental, portanto, construir pontes, coesão, favorecer trocas positivas e, sobretudo, acolher aqueles que buscam um futuro melhor. É preciso colocar-se a caminho para alcançar os migrantes, procurar abraçar sua pobreza e seu sofrimento, aliviá-los com a

sido fonte de inspiração para a campanha; tem encorajado a *acolher, proteger, a promover e a integrar* as pessoas: os quatro verbos que o Papa, na mensagem para a Jornada Mundial do Migrante e do Refugiado de 2018 indicou como respostas aos de safios provocados pelas migrações contemporâneas e que revelam a urgência do dever de dar suporte aos direitos humanos, permitir que as pessoas possam expressar-se através de seus talentos e promovê-los, não esquecendo jamais a necessidade de defender a dignidade das pessoas. É um dever acolher e oferecer hospitalidade a migrantes e refugiados que fogem de injustiças, sofrimentos, violências e pobreza em busca de uma vida digna, trabalhar para transformar as fronteiras em lugares privilegiados de encontro, construindo pontes de amor e cuidando para facilitar a integração dos migrantes e assegurar-lhes bem-estar e dignidade. (<https://www.caritas.org/four-years-of-sharing-the-journey/>)



29

convicção de que não são números, mas pessoas com nomes, histórias e sonhos, vendo neles Jesus Cristo que desde pequenino refugiou-se no Egito com seus pais: “Os migrantes não são, antes de tudo migrantes, mas pessoas, com uma história, uma memória, uma terra e uma dignidade inalienável. Cada um deles tem um caminho, uma dor íntima que o persegue e cada um tem uma esperança: ser considerado pessoa, ser chamado por nome, ser acolhido e reconhecido. Devemos, pois, falar de pessoas em migração que nos pedem para partilhar seu percurso e dividir a terra e o mundo que temos em comum com eles”. (Rev.do Monsenhor Bruno-Marie Duffé).

■ Rumo a um “nós” sempre mais amplo

A presença sempre mais visível de migrantes e refugiados nas sociedades e nas comunidades eclesiais representa, hoje, sem dúvida, um dos desafios decisivos em relação ao ideal de unidade que a Igreja é chamada a construir, reconstruir e viver cotidianamente. “O futuro das nossas sociedades é um futuro colorido”, afirma o Papa Francisco na campanha de comunicação pela 107ª Jornada Mundial do Migrante e do Refugiado que se celebra no 26 de setembro de 2021. O foco é sobre o viver junto, em harmonia e paz, para a construção de um futuro enriquecido pela diversidade e pe-

las relações interculturais. “Cada um é um grão de areia; juntos podemos formar uma belíssima praia, uma verdadeira obra de arte”.

As Igrejas locais fazem um trabalho incansável.

“Abrir a porta e partilhar o pão; cuidar e defender os direitos humanos”.

Muitos migrantes fazem voluntariado para apoiar os outros. Não têm um trabalho remunerado, mas usam o tempo em favor dos outros de modo si-

gnificativo. A esperança nasce das comunidades cristãs que encontram energia e inspiração no acolher com confiança pessoas de outras crenças e culturas. Dessas experiências de encontro nascem amizades surpreendentes que criam novas oportunidades de inserção aos migrantes. “Este coração sabe que os migrantes não vêm para usurpar o nosso estilo de vida, mas se alegra de como podem enriquecer a nossa sociedade” (Encíclica *Fratelli Tutti*, c.4)

Superar o egoísmo e cuidar de todos recordando a parábola do Bom Samaritano, é essencial para reconstruir a família humana em toda sua beleza, reconhecendo o outro como riqueza, rico de talentos que tornam os outros unicamente diversos. É vital difundir uma nova cultura em âmbito global, uma cultura do encontro pessoal, uma nova visão de acolhida da pessoa humana ao migrante. Somente assim se realiza o sonho comum de um “nós” sempre mais alargado, de uma única casa, de uma única Família humana.

O bem faz bem

Paolo Ondarza

paolo.ondarza@gmail.com

Casa de Esperança é uma estrutura residencial que acolhe pais separados ou que tenham interrompido a convivência, que se encontram em grave dificuldade sócio econômica e que, portanto, necessitem de intervenções específicas de auxílio e de promoção social.

Uma iniciativa da Congregação/Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paoli nascida na Sardenha por iniciativa de *Irmã Anna Cogoni*, já responsável pelo “Centro de Acolhida a mulheres em dificuldades”. Conheci a necessidade estando ao lado das mulheres, porque também as esposas podem ferir o marido, privando-o da possibilidade de ver os filhos. Para muitos pais desembolsar uma importância mensal de mais de mil euros significa reduzir-se à pobreza”. O empenho das *Filhas da Caridade*, Irmãs a serviço de homens atingidos, é correspondente à crise econômica e social da sociedade. Os homens separados fazem parte dos últimos e por isso são dignos de atenção e cuidados. O objetivo é, pois, promover o crescimento e a formação integral da pessoa, libertando-a da situação de necessidade moral e material, através do acompanhamento global, a educação à autonomia e à autossuficiência, com um caminho gradual, personalizado que privilegia percursos de atividades que dizem respeito aos setores da assistência social, da instrução e da educação individual.

■ Irmã Anna, como e quando nasce a ideia da Casa da Esperança para pais separados?

A “Casa da Esperança” nasce em 2013 com a finalidade de contribuir para dar a primeira resposta ao desconforto de pais separados “pobres e desocupados” privados de qualquer renda em medida existencial. A estrutura residencial é uma *casa campestre* com quatro ambientes, cozinha - sala de estar, dois banheiros, amplo ambiente aberto para o externo com horta e jardim. Encontra-se na localidade de Flumini no município de Quartu Sant’Elena em Sardenha (Itália) e tem uma disponibilidade



para 7 lugares, atualmente 5 por razão de segurança contra a COVID. Nossa intervenção se caracteriza como “hospitalidade temporária e gratuita” com o fim de conceder o tempo necessário para reconstruir as relações humanas, buscar os necessários recursos de ocupações, formativos e/ou meios de renda. Finalidades que se traduzem no reapropriar-se da própria dignidade e autonomia de vida”.

■ O que vocês oferecem aos hóspedes e como eles devem se comportar no interior da casa?

“A gestão da casa é assegurada pelo serviço de voluntários que cuidam de seu funcionamento com o envolvimento dos hóspedes em forma de autogestão. Esta modalidade é propedêutica para o assumir responsabilidades e para o trabalho comunitário. Um instrumento significativo é o Regulamento da Casa que disciplina a sua hospitalidade, define seus direitos, deveres, colaborações. *Casa da Esperança* é um verdadeiro laboratório de experiência, é um desafio contínuo porque se funda sobre a gratuidade da acolhida e do empenho dos voluntários, a partir de contribuições solidárias e a autogestão dos Hóspedes. No andamento das atividades de sete anos foram acolhidos 75 hóspedes; a maior parte já deixou a casa com perspectivas de ocupação e previsão de rendas. A intervenção da Casa pelas suas características operativas está sujeita a criticidade e precariedade na gestão que exige o empenho e a capacidade de solicitar solidariedade entre Privados e Instituições. Um constante empenho é direcionado a favorecer colaborações com Associações e Organismos interessados nos processos de reinserção social dos hóspedes com possíveis previsões de trabalho e de formação profissional”.

■ Em âmbito social se adverte de modo sempre mais tangível a crise das relações homem-mulher que se refletem sobre a confiança na realidade familiar. Que considerações se podem fazer a este respeito?

“Quando penso na crise da família, minha experiência me leva a considerar que mudanças culturais em contínua evolução incidem na vida das mulheres e dos homens que têm dificuldade para

encontrar valores e modelos de referência para uma vida familiar e comunitária. Parece-me que a comunidade eclesial custa para se adequar às mudanças e encontrar a linguagem e instrumentos de nova comunicação para o enriquecimento espiritual de mulheres e homens”.

■ Em que direção deveria se orientar a ação da Igreja?

“A orientação da comunidade eclesial poderia resumir-se em três pontos: a acolhida sem exclusão prévia, uma vez que as situações de precariedade e desajeito após um conflito familiar podem atingir todo nível e estado de pessoas. Ao longo de todo este período, acompanhamos profissionais, homens com grandes responsabilidades, simples operários, etc. Após a acolhida é importante o acompanhamento para ajudar a tomar consciência da realidade atual e, através de um caminho pessoal e comunitário, chegar à reconstrução do próprio presente e do próprio futuro. Além disso, importa responsabilizar para uma vida na base da verdade, para um testemunho de autenticidade, com um caminho de cura interior. O caminho interior, caracterizado por um olhar para o além, finalizado a se ver como *criaturas novas*, onde o silêncio, a oração e o confronto são os instrumentos necessários para um verdadeiro e próprio *renascimento*”.

■ Tantos homens separados devido à sua condição existencial correm risco de cair no desespero. Quem são esses pais?

“Toda situação familiar que degenera e cria divisão e afastamento, conduz ao “desespero”. Todo homem atingido pela prova e pela dor não está livre do desespero. A casa hospedou tantíssimos homens em perigo de desespero: homens que adentraram o túnel do sofrimento interior e físico; aparentemente sem um futuro; que haviam perdido o “sentido” profundo do próprio existir e da própria missão de paternidade, vítimas de situações familiares degeneradas no tempo ou inesperadas. Não é simples reencontrar-se improvisamente, na volta de uma viagem de trabalho, com a situação da própria família mudada e desestabilizada repentinamente; o ser humano se precipita em um momento na “solidão”.

■ As feridas que esses homens trazem dentro de si são materiais, econômicas, mas também psicológicas e espirituais. Como ajuda-los na reconstrução da estima de si mesmos e no repartir?

“As feridas precisam de uma primeira “escuta” que revela a situação concreta da pessoa. O clima de fé que respiram na comunidade não é uma “via de fuga”, mas um auxílio para ler com olhos novos a própria dimensão pessoal e familiar, seguros de serem olhados e admirados por Alguém Maior. Não se pode prescindir de uma verdadeira terapia de caridade para cicatrizar as feridas”.

■ A pandemia agravou a situação?

“A pandemia seguramente exasperou as situações familiares e pessoais, não só do ponto de vista econômico, devido à precariedade ou perda de emprego, e sobretudo pelas tensões e os conflitos que se seguiram. Multiplicou-se o número de pais que solicitaram ajuda, não encontrando consolo para a solidão e o desespero”.

■ Como vicentina o que a incentivou a empenhar-se neste âmbito?

“A específica vocação da Filha da Caridade, no brilho do carisma herdado de São Vicente de Paoli, nosso Fundador, é um chamado a servir homens e mulheres em estado de pobreza; pobreza entendida no seu significado mais profundo, como carência de sentido da própria existência.

O moto vicentino *‘Charitas Christi urget nos* resume de maneira exemplar naquilo que vivemos no cotidiano nas relações com o próximo. Há uma necessidade urgente de revisitação da nossa “vocação” para oferecer, àqueles que acompanhamos, um testemunho que manifeste os sinais do Divino. Portanto, aqueles que o Senhor nos chama a servir se tornam a medida de nosso estado de vida de mulheres consagradas”.

■ O que a experiência de vocês pode oferecer ao debate sobre a missão da mulher na Igreja para a conquista da corresponsabilidade e sinodalidade entre homens e mulheres?

“Não esquecendo que em toda a história da Igreja, ainda hoje, a pessoa mais importante é uma mulher, a mãe de Deus, o viver das mulheres na experiência eclesial foi sempre caracterizado pela unicidade de seu *“Gênio feminino”*. A partir destes sólidos fundamentos trabalharam mulheres que tornaram bela e gloriosa a vida da comunidade cristã. O fato de mulheres assumirem funções, não é, pois, uma simples solicitação ou pretensão, mas a valorização de características e peculiaridades típicas da unicidade feminina. A relação homem-mulher é uma comunhão capaz de realizar comunidades na diversidade das funções. Recordemos a carta de São Paulo aos Gálatas 3,28: “Pudéssemos como Comunidade Eclesial viver na dimensão de *“sermos um em Cristo Jesus”*”.



Dar um sentido à vida

Redazione DMA

editor@rivistadma.org

Como os jovens respondem ao apelo do Papa Francisco a respeito do por quê e para quem viver promovendo dinâmicas que dão um sentido à vida e a transformam de modo positivo.

Um dos desconfortos na sociedade do bem-estar é o *esforço de viver*. Os jovens se sentem perdidos diante do futuro, vivem como estranhos, como quem não tem casa e nem mesmo a procura. “*Procuro um sentido para a vida mesmo que a vida não o tenha*”, canta Vasco Rossi. Mas por que perder tempo a procurar aquilo que não existe? O cantor-ator não o explica. E, no entanto, é mesmo esta procura que distingue a pessoas dos outros seres; ninguém pode sufocar o *por quê*; antes ou depois ele reaparece como uma pergunta inevitável. Há situações em que o desejo de viver não é suficiente; é precioso saber porquê vale a pena enfrentar a vida, esta vida com suas insanáveis contradições e com suas maravilhas e belezas. São os momentos em que seria *necessário um amigo*, alguém

34

polifonia



que saiba dizer, sem muitas palavras, porque a vida tem sentido. É aqui, nas dobras da vida cotidiana, que precisaria acender a luz da esperança. Eis aí o desafio que sempre mais se nos impõe. Educar, hoje, não quer dizer simplesmente propor regras, mas ensinar a *questão de viver*, uma arte a ser aprendida no dia a dia, com alegria e resiliência. Não se trata só de aprender o que fazer, mas aprender o *porquê* se empenhar e, acima de tudo, *por quem* o fazer.

■ Coragem

“[...] “Senhor, peço-Te um favor: por favor não pares de me desafiar”. Desafios de horizontes que exigem coragem [...] Agrada-me muito este Jesus que perturba, que importuna; porque é o Jesus rico, que te move interiormente pela ação do Seu Espírito. E que belo um jovem ou uma jovem que se deixa importunar por Jesus; e o jovem ou a jovem que não permite que lhe fechem a boca com facilidade, aprende a não estar com a boca fechada, que não lhe satisfaz responder de modo simplista, que procura a verdade, procura o profundo, se lança ao largo, vai em frente, em frente. E tem a coragem de se fazer perguntas sobre a verdade e tantas coisas mais [...]”; (Do Discurso do Papa Francisco aos “jovens de Missão Diocesana de Gênova, 27 de maio de 2017).

São tantas as crianças, adolescentes e jovens de uma geração que deseja mudar o mundo. Instrução, ecologia, solidariedade, todos se empenham e agem cotidianamente em vista do amanhã, porque são o futuro mas também o presente. Provêm do mundo todo e lutam, colocando-se em jogo para defender os próprios ideais.

“Os pais devem parar de pensar que um menino deve somente brincar, ou, ao máximo, ordenar o seu quarto”, afirma Gilles De Maistre, regista do Documentário “O futuro somos nós” que relata a respeito de oito meninos que encontraram a coragem de enfrentar suas batalhas em vista de um futuro melhor. Da Índia ao Peru, da Bolívia à Guiné,

passando pela França e os Estado Unidos, seus nomes são José, Arthur, Aissatou, Helena, Peter, Kevin e Jocelyn. Não se sentiram jamais jovens demais, por demais frágeis ou demais isolados para opor-se às injustiças e às violências. Ao contrário, graças à sua força de caráter e à sua coragem, conseguiram mudar as coisas introduzindo debates e envolvendo um número sempre maior de meninos. Abuso de seres humanos, trabalho infantil, matrimônios forçados, destruição ambiental, pobreza extrema... São envolvidos

em todos os aspectos. Embora pequenos, conscientizaram-se em breve tempo acerca das desigualdades e das injustiças, tanto porque as sofriam, como porque as viam acontecer.

José Adolfo, menino chileno de 7 anos, criou um banco ecológico que permite às crianças que trazem lixo reciclável poder abrir uma conta pessoal no banco. Por este material descartado, de fato recebem um bônus que

podem utilizar para adquirir produtos diretamente do banco ou receber dinheiro verdadeiro. Há ainda o terníssimo e corajoso Arthur, menino francês de 10 anos que em Cambrai vende as suas pinturas e com o dinheiro recolhido compra, juntamente com sua mãe, gêneros de primeira necessidade que, em seguida, distribui aos sem teto. Idrissa Bach, na Guiné, combate as práticas dos matrimônios contratados de esposas meninas. Aissatou, 12 anos, está seguindo seus passos e é empenhado na luta contra a violência sobre mulheres e, para manter a sua luta, organiza iniciativas de sensibilização nas escolas e nos mercados.

Em Nova Delhi, Heena, 11 anos, distribui o jornal Balaknama que é escrito por crianças que vivem e trabalham na estrada, organizam reuniões e leituras para os jovens analfabetos para quem Heena dá aulas. Kevin, Jocelyn e Peter, respectivamente de 10, 11 e 13 anos, denunciam na Bolívia, o abuso do trabalho infantil. Fazem parte daquele grupo

35



de crianças trabalhadoras, ocupadas principalmente nas minas e nas fábricas de tijolos. Grupo que criou um sindicato para sua tutela e proteção contra os empregadores abusivos. (Fonte: O futuro somos nós de Gilles de Maistre - Documentário - <https://youtu.be/HfJAlnPfmBo>).



Talento

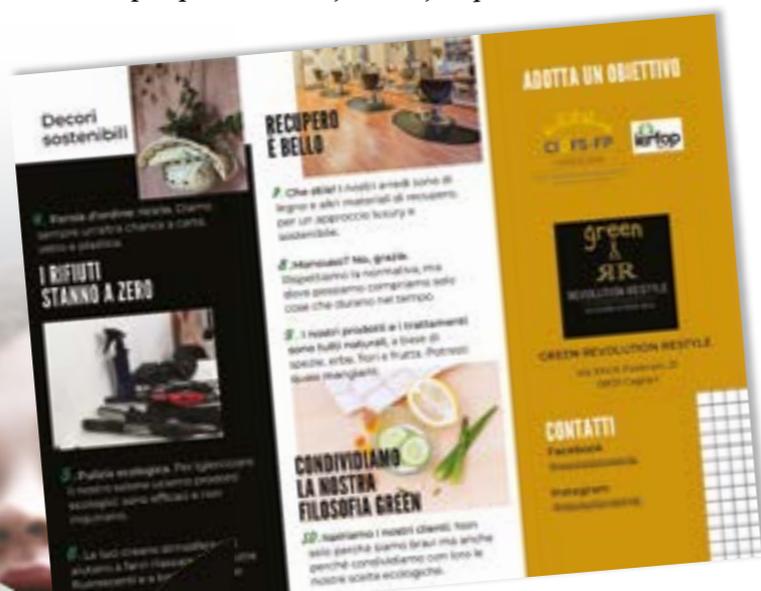
“[...] a expectativa do retorno do Senhor é o tempo de ação - nós estamos no tempo de ação-, o tempo no qual fazer render os dons de Deus não para nós mesmos, mas para Ele, para a Igreja, pelos outros, o tempo no qual buscar sempre e fazer crescer o bem no mundo. E, em particular, neste tempo de crise, hoje, é importante não fechar-se em si mesmo, enterrando o próprio talento, as próprias riquezas espirituais, intelectuais, materiais, tudo aquilo que o Senhor nos deu, mas abrir-se, ser solidários, ser atentos às necessidades do outro. [...] Vocês já pensaram nos talentos que Deus lhes deu? Pensaram no como colocá-los a serviço dos outros? Não enterrem os talentos! Apostem em ideais grandes, naqueles ideais que alargam o coração; aqueles ideais de serviço que irão tornar fecundos os seus talentos. A vida não nos foi dada para que a conservemos com ciúmes para nós mesmos, mas nos é dada para que a doemos. Queridos jovens, tenham um grande coração! Não tenham medo de sonhar grandes coisas!” (Papa Francisco na Audiência Geral da 4ª.f., 24 de abril de 2013).

“Ir além do grupo de amigos e construir a amizade social, procurar o bem comum, sentar-se e conversar” (Francisco, Christus vivit, nº 169).

A escola é feita pelos jovens, para os jovens e, portanto, a voz deles deve ser ouvida e seus talentos valorizados. O caminho para alcançar os objetivos da Agenda 2030 é longo, mas os jovens têm a oportunidade de ser os protagonistas do futuro e de podê-lo mudar.

Os alunos do curso *FP Duele - Acconciatura II annualità*, participando do Concurso proposto do Centro Italiano de Obras Femininas Salesianas Formação Profissional (CIOFS - FP Itália) sobre o conhecimento dos *Objetivos de desenvolvimento da Agenda 2030*, escolheram o objetivo 12 e promoveram seu conhecimento e observância. Animados e guiados pela Professora de Italiano, aprofundaram o objetivo “Garantir modelos sustentáveis de produção e de consumo” e imaginaram como poderia ser o salão de Cabeleireiros, o salão virtual *Revolution Restyde*, se tivesse sido organizado e predisposto segundo o objetivo de desenvolvimento 12. “Escolhemos ser responsáveis e preferir modelos de produção e de consumo sustentáveis. O que isto quer dizer? Significa gerar valores para a terra e para nós mesmos”.

E assim, elaborar um publicitário simpático e bem cuidado, onde o Salão *GREEN Revolution Restyle*, respeitoso do ambiente e atento ao uso de energia limpa, ao desperdício de água e à reciclagem do papel, do vidro, do plástico, ao uso de produtos ecológicos e não poluentes porque “a mudança começa a partir de nós”.



Educação florestal para promover um futuro sustentável

Veronica Petrocchi

veronica.petrocchi91@gmail.com

“Nos dias de hoje, os técnicos florestais se encontram com alguns entre os maiores desafios dos nossos tempos no campo do desenvolvimento sustentável. Em todo o mundo as florestas e os responsáveis da gestão florestal são empenhados, em primeira linha, desde a luta até as mudanças climáticas na prevenção de futuras pandemias de origem zoonótica”, o afirma Viviana, uma jovem silvicultora ‘pugliese’ que há anos se ocupa em promover nas escolas de seu território a cultura ecológica.

Em muitas regiões do mundo são ainda poucos os jovens interessados em exercer uma profissão florestal. Uma importante pesquisa conduzida pela *Global Forest Education Project* (o Projeto Global de Educação florestal) gerido pela organização das Nações Unidas

para a alimentação e a agricultura (FAO), pela União Internacional das Organizações de Pesquisa Florestal (IUFRO) e pela Organização Internacional das Madeiras Tropicais, evidenciou alguns obstáculos que se encontram quando se procura interceptar e formar uma nova geração de operadores do setor florestal. Única no seu gênero, a pesquisa coletou informações relacionadas aos



institutos nos quais se ensina a educação florestal e às modalidades e à qualidade do ensino, desde as escolas primárias e secundárias, até aos cursos técnico-profissionais e às Faculdades Universitárias em algumas regiões do mundo.

Resultou daí que na maior parte das regiões, sobretudo no Sul do mundo as escolas primárias e secundárias nem sempre oferecem aos estudantes uma instrução adequada sobre árvores e sobre sistemas florestais, nem uma suficiente motivação para prosseguir os estudos e abraçar uma carreira profissional no setor florestal. Nos planos de estudo a tratção dos argumentos relativos às ciências florestais é, por vezes, um tanto

A instrução é um passo fundamental em vista de salvaguardar os recursos naturais para as gerações futuras (José Graziano da Silva, Diretor Geral da FAO).

incompleta, seja no que diz respeito às disciplinas científico-tecnológicas entre as quais as ciências naturais, a tecnologia, a engenharia e a matemática, seja no âmbito social e humanista. Muito frequentemente falta um contato mínimo com o bosque, mesmo no caso de estudantes que vivem próximos a tais ambientes.

“Não é para se maravilhar - comenta Viviana - se muitos jovens estão totalmente no desconhecimento dos benefícios oferecidos pelas florestas e da importância de gerir o patrimônio de bosques de modo sustentável”. A pesquisa revelou também que em muitas partes do mundo os jovens tendem a considerar a silvicultura como uma carreira pouco atraente e de escasso prestígio social.

Portanto, como bem se revela, o setor florestal continua tendo um problema de imagem. Muitos o associam, de modo reduutivo, ao simples corte de árvores. Nem sempre é fácil compreender que uma gestão sustentável das florestas representa, ao invés, um primeiro passo rumo

à prevenção do reflorestamento e da degradação ambiental, além de uma etapa fundamental para a consecução dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, correspondentes também aos temas da fome, da pobreza, do trabalho digno, da energia, da saúde e do clima. É evidente que é preciso uma revolução copernicana no campo da educação florestal. Para dar início a esta renovação, mais de 1000 especialistas em educação

florestal participaram da Conferência Internacional sobre educação florestal, durante a qual foram examinadas soluções que permitem ministrar uma instrução de qualidade em âmbito florestal. A estrada a ser palmilhada é clara: as ciências florestais são mais integradas nos planos de estudo já a partir da escola fundamental, de modo a semear interesse orientando as novas gerações à atenção e à sensibilidade para o “cuidado do Criado”.

“Para proteger as florestas é preciso ensinar aos jovens como funciona um ecossistema florestal e que importantes contribuições ele fornece à luta contra as mudanças climáticas; contribuições para a manutenção de um planeta sadio e para a sustentabilidade das atividades humanas”. Viviane é convicta de tudo isto e sugere que se “inicie, desde a escola fundamental, excursões aos territórios que ofereçam inspiração às crianças, ou simplesmente que se lhes explique o funcionamento das

árvores e dos sistemas florestais a partir da ecologia do pátio da escola”.

A FAO, com o apoio financeiro da Alemanha, está levando à frente um projeto piloto que prevê a realização de intervenções de educação florestal voltadas para crianças de 9 a 12 anos, partindo com um ciclo trienal de lições inovativas e interativas na Tanzânia e nas Filipinas.

Com a colaboração da Associação para a tutela das florestas alemãs “Schutzgemeinschaft Deutscher Wald” (SDW) e com os pedagogistas de fama nacional, a FAO está elaborando módulos didáticos adaptados às condições locais para professores e alunos centrados no método alemão da pedagogia do bosque, o Waldpädagogik, que coloca em primeiro plano a aprendizagem experiencial na natureza para promover a compreensão de um uso sustentável das florestas.

Os jovens, que pertencem a uma comunidade florestal ou que vivem nas áreas urbanas, devem ter consciência da multiplicidade de perfis profissionais ligados ao setor da silvicultura sustentável a partir dos decisores políticos aos criadores de app, dos empreendedores aos analistas de imagens de satélites, dos pilotos de drones aos entomologistas. Um projeto cultural, ambiental e educativo no qual se possa crer para “garantir que todas as crianças e jovens conheçam as florestas, e sejam conscientes de sua importância para nosso planeta e para nosso sustento, não só é possível, mas é absolutamente necessário”.

O exemplo de Glasgow: 18 milhões de árvores em 10 anos

Na cidade escocesa serão plantadas dez árvores para cada habitante. O objetivo do crucial vértice sobre o clima Cop 26, que acontecerá em novembro e que é organizado pelo Reino Unido e pela Itália, será o de reduzir ao máximo as emissões dentro em breve e anular nos próximos dois-três decênios, do momento em que se está superando o limite do aumento de 1,5 graus centígrados estabelecidos pelo ‘sumit’ de Paris em 2016. Glasgow mesma é um lugar decisivamente exposto à mudança climática: um dos mais úmidos e regados pelas chuvas no Reino Unido; devido à “climatage change” poderiam subir nos próximos anos precipitações sempre mais copiosas e violentas, que poderiam provocar grandes danos às infraestruturas, ao território e ao ecossistema ambiental.



Comunicação digital gerativa

Molinari Elisa, FMA
e.molinari@cgfma.org

A comunicação digital é uma oportunidade para a educação, a evangelização e a missão educacional com e entre os jovens: através de palavras e linguagens, se gera vida e cultura, se constroem relações, se difundem os valores evangélicos, culturais e carismáticos, se experimentam experiências de cidadania solidária e de transformação social.

40

comunicar



O termo *lockdown* parece ter origem em linguagem cinematográfica, apocalíptica. No entanto, com a pandemia de Covid-19 entrou no nosso vocabulário habitual. Significa bloqueio, isolamento e define um procedimento de emergência colocado em funcionamento para proteger os cidadãos de um ataque, neste sentido, um ataque contra a saúde. Obriga ao confinamento nas próprias habitações, ao limite de contatos com o externo para evitar possíveis contaminações. No entanto a necessidade de relações, não está, de fato, abafada, pelo contrário emergiram com criatividade iniciativas pessoais e coletivas para que as pessoas continuem a sentir-se vivas, para não “cortar os fios” com o mundo e com as amizades. Carola e Vi-

Comunicar é partir de uma situação de distância, de dificuldade de se compreender e procurar reduzir este distanciamento (Chiara Giaccardi).

tória, duas muito jovens tenistas da Ligúria (Itália) mantiveram os contatos a golpe de tênis, paixão em comum, entre os tetos de suas casas. O vídeo desse gesto surpreendente, que se tornou viral, foi compartilhado ‘account social’ dos grandes tenistas, entre os quais o campeão suíço Roger Federer, acolhido com emoção pelas jovens, ao término do *lockdown*, justamente em cima daqueles tetos. O desejo de manter os liames, “ganhou asas”

da comunicação digital, saindo de sua pequena localidade da Ligúria, para alcançar o mundo e dizer a todos como a criatividade dos jovens pode chegar a romper o isolamento entre as pessoas. (<https://www.youtube.com/watch?v=lxm8RZiIsO4>)

Sabemos que a vizinhança não é índice seguro de sucesso na comunicação. Pode-se ser vizinho e não se comunicar, distantes e manter uma comunicação intensa. O filósofo Heidegger afirma: “Uma pequena distância não é ainda proximidade. Uma grande distância não é ainda afastamento”. Por isso, é necessário interrogar-se sobre a natureza da vizinhança e da distância e, por consequência, sobre modalidades comunicativas próprias para preencher uma distância e estabelecer ou manter uma relação. Para Carola e Vitória, raquete e bolinha de tênis constituíram “*médium*” para manter ativa a comunicação que não se limitou a elas: aqueles movimentos não comuns sobre os tetos despertaram uma atenção mediática da qual desabrocharam reações e narrações inesperadas.

De fato, a comunicação digital, compreendida como conjunto das atividades de produção e difusão de conteúdos através de tecnologias digitais - PC, tablete, smartphone e outros dispositivos - diferentemente da comunicação com a mídia tradicional, é participativa e inclusiva: os ouvintes não são simples espectadores, mas se tornam “*Spett-autores*”. Nossa vida é *onlife*, em um ambiente permeado pelo digital, que nos informa e ao qual damos forma, no qual tudo é conectado. Estamos imersos em um espaço interativo que não é neutro e indiferente, do qual não podemos sair



41

completamente: devemos habitá-lo e nos tornar promotores e promotoras de uma construção virtuosa. Do ponto de vista pastoral, o *lockdown* representou e representa um desafio. O intensificar-se da comunicação digital e do uso das redes sociais para tornar-nos próximos a crianças, adolescentes e jovens e famílias é movido pelo desejo de amenizar o desconforto do isolamento e de suprir as atividades ordinárias, reconstruindo uma pretensa normalidade. A resposta a uma emergência corre, porém, o risco de transformar-se em um deixar-se levar instrumentalizante, se não encontra acompanhamento em processos de construção da “nova normalidade” que recuperam a positividade das experiências “on line” e, levam a comunidade a realizar passos partilhados. Papa Francisco na Encíclica “*Fratelli Tutti*” coloca em luz as duas fazes da medalha: “*as mídias podem ajudar a nos fazer sentir mais próximos uns dos outros; a nos fazer perceber um renovado sentido de unidade da família humana que leva à solidariedade e ao sério empenho por uma vida mais dignitosa [...] É, porém, necessário permitir continuamente que as atuais formas de comunicação nos orientem efetivamente ao encontro generoso, à busca sincera da plena verdade, ao serviço, à proximidade com os últimos, ao empenho de construir o bem comum.*” (FT 205). Se não é autorreferencial, mas se preocupa em reduzir as distâncias, tecer novamente os liames, costurar de novo o tecido social, enriquecendo o ambiente com valores e experiências úteis ao bem comum, a comunicação digital se torna gerativa. Para manter as relações educativas, não é preciso uma “corrida ao último social” para colonizar os espaços ocupados pelos/as adolescentes e conquistar a atenção deles, mas a atuação de processos que durem no tempo e insiram dinamismos que continuam para além dos instrumentos e pessoas. Isto não exclui a presença nos canais do ‘social’, lugares de encontro habitados diariamente pelos jovens, nos quais fazer-se testemunhas que envolvem na experiência de fé: “*A boa nova do Evangelho difundiu-se no mundo graças a encontros de pessoas, de coração a coração. Homens e mulheres que aceitaram o mesmo convite: “Vem e vê”, e foram atingidos por um “mais” de humanidade que transparecia no olhar, na palavra e nos gestos de pessoas que testemunha-*

vam Jesus Cristo”. (Papa Francisco, *Mensagem para a 55ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais*). Encontros que não prescindem da realidade na qual vivem as pessoas, mas que, a exemplo dos encontros de Jesus, partem dessa realidade e a compreendem, para ler junto e dar sentido àquilo que se experimenta.

Na série “*Homemade*” da Netflix na qual registamos de todo o mundo realizaram curtas metragens sobre o tema do *lockdown*, o episódio do regista francês Ladj Li narra o cenário de um dos departamentos franceses mais atingidos pela pandemia através dos olhos de Buzz, que da janela envia o seu drone para recuperar a vida do isolado. A narração se entrelaça com a jornada característica do adolescente: o deslizar o polegar sobre o *smartphone* para controlar os perfis sociais, a flexão apoiada nos braços para manter a forma física, a partilha das tarefas com um amigo. Na tela do PC aparecem as retomadas da “*banlieue*” de Paris - gente nos terraços dos grandes prédios populares, o silêncio, as filas ordenadas para retirar os alimentos, os contrastes sociais - que provocam uma pergunta, chave de leitura do episódio: “*Se são tempos difíceis,*

para quem o são?” Ao término do curta metragem se lê um agradecimento do regista ao menino por ter permitido, com o seu drone, de respeitar o distanciamento. Na realidade, Buzz ofereceu mais do que um suporte técnico: sua presença física não foi neutra, porque observou e guiou o dispositivo com escolhas precisas. No filme se nota como os jovens vivem imersos em único ambiente, sem barreiras entre atividade cotidiana, amizades e interesses, dos quais se tornam protagonistas e co-criadores. O apelo educativo é colocar-se em escuta e interesse com suas relações nas quais a preocupação primeira não seja tanto informar, transmitir conteúdos, propor atividades, mas fazer-se próximos: um ‘meme’ em Facebook, uma história no Instagram, um vídeo em Tik-tok, um tweet, talvez não obtenham a completude de um argumento e não esgotem o Anúncio, mas ajudam a fazer-se companheiros de viagem, provocando o desejo de aprofundamento. As formas múltiplas de linguagens das redes sociais podem levar a variadas possibilidades comunicativas que, inseridas nos processos educativos e de evangelização articulados em fases graduais, geram vida e reforçam valores que conduzem a

escolhas de doação e de cidadania ativa. Ao tornar os jovens protagonistas e coautores, a função do educador consiste em oferecer suporte, acompanhar os jovens em percursos partilhados, envolvendo-os, por exemplo, na documentação da vida da comunidade, através de histórias criadas por eles mesmos por meio dos “social”, ajudando-os a amadurecer uma leitura da realidade que revela sentido de pertença e profundidade de valores. Miguel Magone, que inicialmente se apresentou como “*o general da recreação*”, que havia aprendido “*a profissão do nada fazer*”, sob o olhar de Dom Bosco e imerso no ecossistema educativo de Valdocco, cresce em virtude e se transforma em exemplo para os outros. A única distância que Dom Bosco mantém é a distância educativa, com a qual deixa que os jovens realizem seus passos e os acompanha no crescimento moral e espiritual. Se fosse ainda aqui, Miguel Magone, Domingos Sávio e outros jovens de Valdocco, poderiam ser aqueles que na Alemanha são chamados *#sinnfluencer*, “*influencer de sentido*”, líder que com seu ‘post’ no social e suas escolhas de vida orientam os jovens ao bem e à esperança.



Mornese. Comunidade em saída com os jovens

Eliane Petri, FMA
petrifma@gmail.com

Em Mornese, o espírito missionário era marcante. Muitas FMA desejavam partir para as missões *ad gentes* e Madre Mazzarello repetidamente, nas suas Cartas acena ao seu desejo, ao desejo das Irmãs e até das meninas de partir para as missões (cf. L 4,11.14; L5,9). Há poucos anos de fundação, a comunidade respira a plenos pulmões, o espírito missionário que a orienta ao testemunho de Jesus Cristo na própria pátria e no Mundo.

Era uma convicção comum e radicada desde as origens: “Uma filha que entrasse com a intenção de pensar somente na sua própria alma, não estaria apta para assumir os deveres que incumbem às Filhas de Maria Auxiliadora”. (Cf. *Relazione dela prima adunanza dele Superiore*, Mornese, agosto de 1878, in *Orme di Vita*, D 93).

Uma simplificação concreta da consciência missionária é a Carta 37 de Madre Mazzarello que revela a face de duas comunidades em saída



missionária, de mulheres fecundas, que de uma forte experiência de Jesus, fonte de água viva e da força do Espírito, recebem a capacidade de gerar vida em torno de si.

■ A comunidade de Carmen de Patagones: o realizar-se de um sonho

A carta é endereçada às Irmãs da comunidade de *Carmen de Patagones*. A comunidade foi aberta em 1880, na terra tão sonhada por Dom Bosco (MB X 54). Foi Dom Costamagna o primeiro salesiano que tinha tentado aventurar-se naquela terra, começando um pouco por vez a catequizar as popu-



lações. A obra dos missionários deveria ser auxiliada pelas Irmãs, para que cuidassem das mulheres e das crianças. Foi assim que Irmã Angela Vallese, Irmã Giovanna Borgna, Irmã Angela Cassulo, Irmã Caterina Fino, foram as primeiras FMA e as primeiras religiosas a chegar àquelas terras, entre aquelas populações. O jornal de Buenos Aires, “*a América del sud*” de 13 de janeiro, anunciava assim a expedição: “... será a primeira vez, desde que o mundo existe, que se verão Irmãs naquelas remotas terras austrais...”

A obra das Irmãs será assim preciosa para a evangelização da terra de Magellano, que “sem as Irmãs na conversão dos Pampas e da Patagônia, os missionários salesianos teriam seguido a mesma sorte de seus precedentes missionários...” (CAPETTI Giselda, *Aprendo il solco: Madre Angela Vallese, prima tra le prime missionarie di S. Giovanni Bosco*, Torino, LICE-Berruti 1947, 77).

São quatro as Irmãs que alcançam a Patagônia. Mas é todo o Instituto FMA que goza dentro desta alegria missionária. A *Cronistória* descreve com ênfase as primeiras notícias da Patagônia e o realismo de vida de Madre Mazzarello: “Sim, nós gozamos do triunfo delas - anota a Madre - mas pensamos nos sacrifícios que fazem para chegar até lá? Nós nos entusiasmos para segui-las: mas, no entanto, o que fazemos para ajuda-las a se manter entre tantos perigos dos quais certamente estarão circundadas? As almas não se salvam só com palavras e somente com entusiasmo, mas com a mortificação, a renúncia e as virtudes sólidas, minhas queridas! Quem deseja entrar nesta disputa? Quem deseja preparar-se para as missões com os meios que o Senhor nos manda aqui em nossa pátria? A quem responde “Eu, eu” a Madre propõe: “Então, *colocemo-nos à prova!*”. (Expressão proverbial piemontesa, uma exortação para que se prove com fatos as próprias capacidades). Começemos fazendo com que o amor próprio faça uma boa quaresma e dando golpes de cego nos nossos defeitos mais visíveis e mais contrários ao dever da edificação. Eu ajudarei vocês; vocês me ajudarão: estão todas dispostas? - Todas! Todas, Madre querida!” (*Cronistória*, III, 147-148).

Na mesma Carta há ainda algo interessante. Madre Mazzarello se alegra com as Irmãs apenas chegadas na Patagônia pois elas já têm uma educanda e

doze meninas que vêm ao Catecismo e está contente porque elas têm tanto que trabalhar para a glória de Deus e a salvação das almas. A missionariedade que anima as FMA é a alegria evangelizadora de encontrar e envolver os jovens para que eles se sintam amados e, por sua vez, se tornem testemunhas do amor salvífico do Senhor aos outros. Ser comunidade em “saída missionária com os jovens” é ajuda-los a descobrir que a vocação é sempre uma missão e uma resposta à pergunta radical: “A serviço de quem estou eu?” (CV 286).

■ A comunidade de Mornese - Nizza Monferrato: deixar Mornese pelo “bem do Instituto”

Ao comunicar a notícia de Nizza Monferrato - uma outra comunidade em plena saída missionária - Madre Mazzarello fala de um “espinho no coração”. Refere-se ao fechamento da casa de Mornese. É uma grande dor para ela e para as primeiras FMA ter que fechar, esta casa. É compreensível esta dor: cada ângulo da casa e da cidade é repleto de experiências vividas, rico dos mais caros afetos: sua terra, sua paróquia, sua gente, seus pais, suas meninas, etc. Trata-se de um desapego que fere e faz o coração chorar. Mas ela, apesar da dor, compreendia que tudo seria para o bem e para a expansão do Instituto. No centro do discernimento está a missão e, por ela vale a pena sacrificar tudo, avançar para novos horizontes, desapegar-se do que já estava construído para transplantar o carisma. Os frutos já são visíveis e ela mesma o descreve: “Encontramo-nos todas aqui em Nizza Monferrato, somos um belo número: entre educandas, postulantes e Irmãs somos cento e cinquenta. Não descrevo a casa porque isto seria muito demorado. Temos uma bela Igreja grande, devota e bem arrumada. Agora estão construindo um novo espaço na casa para as educandas. Esperemos que logo esteja pronto”. Uma expressão é digna de nota: “Além disso, nossas casas na Europa vão crescendo sempre”. Assim sendo, se existem, por um lado, os “espinhos no coração” (experiência da dor e da cruz), por outro realça a alegria (ressurreição) pela abertura de tantas novas casas. É a alegria da missão.

Dom Egídio Viganó fala do *transplante do carisma* de Mornese para Nizza Monferrato para irem à

França, à América, aos 5 continentes, como de um “gesto de aperfeiçoamento” de Madre Mazzarello, “A abertura ao transplante, ao desapego, à morte é assim inserida pela Madre, no espírito de Mornese como seu aperfeiçoamento conclusivo... Madre Mazzarello pensava no Instituto mais do que em si mesma” (Viganó Egídio, *Riscoprire lo spirito di Mornese*, em *Atos do Conselho Superior* 301 (1981), 39).

■ Missionárias de alegria e esperança lá onde estamos... com os jovens

Madre Mazzarello ensina que “ser comunidade em saída” não é algo somente geográfico, não é somente sair da própria terra e ir para outros lugares, mas sim uma atitude interior de abertura e de responsabilidade no testemunhar Jesus e fazê-Lo amar sempre mais. Neste horizonte, todo pequeno gesto de serviço e amor tem um sentido missionário. “Não é deveras necessário partir em missão para sermos missionárias; e vocês missionárias, se não viverem continuamente com o objetivo de ganhar almas e méritos, de se servirem de todos os meios para serem de fato, todas do Senhor e das almas, que missionárias vocês seriam? Portanto, prometemos de nos servir de pequenas coisas para nos fazer sempre mais verdadeiras filhas de Nossa Senhora e, também, do nosso bom pai Dom Bosco”. (*Cronistória* III 318-319).

Ser comunidade em saída significa estar prontas para doar a vida lá onde o Senhor nos chama, tornando-nos assim, sinal e expressão do amor do Pai aos jovens. Cada um, no “aqui e agora” da missão deve encontrar o modo de comunicar Jesus que corresponda à situação em que se encontra, juntamente com os jovens. Se, há algum tempo, a palavra “missão” lembrava sobretudo terras distantes e pessoas que partiam - os missionários justamente - hoje, sempre mais evidente que “terra de missão” é toda parte e “missionários” são chamados a sê-lo todos os cristãos, enquanto simplesmente batizados.

Os/as Educadores/as são chamados/as a ser “uma missão sobre esta terra” (EG 273). A missão mais bela é despertar o sentido missionário nos jovens, formar jovens missionários corajosos, enamorados de Cristo, capazes de testemunhar em toda parte o Evangelho com a própria vida.

Emoções musicais: entre técnica e cérebro

Mariano Diotto, SDB

m.diotto@iusve.it

Evocar emoções é a força principal da música, portanto, não devemos ficar demais surpresos que as canções possam nos comover e provocar-nos um nó na garganta. A música causa emoções que podem ser vividas por quem a escuta de modo positivo ou negativo, como um estilo musical lento leva à calma, à reflexão, à meditação e, ao mesmo tempo, para alguns pode se tornar cansativo. Assim, um ritmo veloz pode fazer vibrar o corpo ou levá-lo à inércia. As variações vividas por um ouvinte são conduzíveis à *cultura musical*. É esta que nasce e se desenvolve segundo o contexto no qual se cresce. Cada um constrói em sua própria mente uma infinidade de ligações, uma rede de liames que guiam constantemente cada escolha e cada juízo emocional.

Na música há emoções que conseguem ser enxertadas independentemente da própria personalidade, do gênero que se escuta ou da cultura à qual se pertence.

■ As técnicas musicais

As pesquisadoras *Katherine Cotter* e *Paul Silvia* da Universidade de Carolina do Norte e *Kirill Fayn* da Universidade de Sidney, elaboraram uma pesquisa para indagar sobre emoções que as pessoas experimentam quando a música provoca, por exemplo, o pranto.

O pranto é um comportamento humano complexo e articulado que pode ser reconduzido a uma variedade de experiências intensas. Pode ser provocado pela dor, como quando participamos de um funeral, mas também de uma extrema felicidade, como em um matrimônio.

Que emoções experimenta a maior parte das pessoas quan-





do se comovem até às lágrimas a partir de uma música?

Descobriu-se que algumas características técnicas e compositivas da música são continuamente associadas à produção de fortes emoções nos ouvintes. A combinação de textos sinceros e uma voz poderosa completam a *performance*, enviando

sinais de recompensa ao cérebro e liberando forte emoções.

Os textos das canções como *Someone like you* de **Adele**, *I will Always love you* de **Whitney Houston**, *Alleluiah* de **Jeff Buckley**, *It must have been love* de **Roxette**, *The winner takes it all* de **Abba**, *Imagine* de **John Lennon**, *Sorry seems to be the hardest word* de **Elton John**, *The sounds of silence* de **Simon & Garfunkel**, *Listen* de **Beyoncé**, *Love is a losing game* de **Amy Winehouse**, *Nothing compares 2U* de **Sinead O'Connor**, *My heart will go on* de **Céline Dion**, *Heal the word* de **Michael Jackson**, ou *Without you* de **Mariah Carey** tornaram-se emblema desta forma mágica emocional.

Antes do ano 2000 o Professor **John Sloboda**, psicólogo britânico e docente na Universidade de Keele, conduziu uma experiência solicitando de amantes da música que identificassem as passagens das canções que provocavam neles de modo inequívoco uma reação física, como 'por exemplo as lágrimas ou o arrepio. Os participantes da pesquisa identificaram 20 "partes que faziam chorar". Da análise das propriedades musicais destas partes o Professor **Sloboda** relevou que 18 continham um dispositivo musical chamado "*appoggiatura*" isto é, sustentação.



A "*appoggiatura*" é uma nota ornamental que contrasta a melodia, o quanto basta para criar um som dissonante. Em 2007 **Martin Guhn**, Psicólogo da British Columbia University, explicou em modo científico que este dispositivo sonoro gera uma tensão no ouvinte e quando as notas voltam à melodia prevista, a tensão se resolve e quem ouve se sente bem. De fato, os arrepios atingem os ouvintes nestes momentos de resolução. Quanto maior o número de "*appoggiature* se encontram, uma junto a outra em uma melodia, tanto mais se produzirá um ciclo de tensões e de relaxamento.

Este seguir-se emocional passa uma reação ainda mais forte, e é então que as lágrimas começam a escorrer. É o que nos acontece quando ouvimos *Say something* de **A. Great Big World** e **Christina Aguilera**, *Let her go* de **Passenger**, *Stay with me* de **Sam Smith**, *Impossible* de **James Arthur**, *Piece by piece* de **Kelly Clarkson**, *Time to say goodbye* de **Andrea Bocelli** ed **Sarah Brightman**, *A thousand years* de **Christina Perri**, *You're beautiful* de **James Blunt**, *Perfect* de **Ed Sheeran**, *All of me* de **John Legend**, e as recentes *Shallow* cantada por **Lady Gaga** e **Bradley Cooper** o *Dancing on my own* de **Calum Scott**.

■ A fórmula que faz chorar

As pesquisas sobre o assunto prosseguem e o Professor **Guhn** com o colega **Marcel Zentner**, utilizaram alguns fragmentos musicais realmente brívidos, como por exemplo o *Trio per pianoforte* de **Felix Mendelssohn** e *l'Adagio per archi* de **Samuel Barber**. Conseguiram assim, medir as reações fisiológicas dos ouvintes: a frequência cardíaca, o suor, o arrepio.

As passagens que provocaram uma reação emocional partilharam ao menos três características. Os fragmentos musicais começavam lentos com sons leves e, a seguir, improvisamente tornavam-se repletos de instrumentos de corda como piano, guitarras, violinos, contrabaixo e harpas. Introduziam um imprevisto ingresso de um novo instrumento ou uma harmonia predominante subindo uma oitava ou fazendo eco à melodia de base. Além disso, todos os trechos musicais continham desvios inesperados na melodia ou na harmonia. De fato, é mais provável que a música suscite os brívidos quando inclui

surpresas em termos de volume, timbre e esquema harmônico. Se pensarmos em *I will Always love you* tem o ingresso de um sax que introduz a última estrofe, para em seguida bloquear a música por poucos segundos e a voz de **Whitney Houston** subir de uma oitava no último refrão. O mesmo acontece no 'bridge' final de *The winner takes it all* onde a música se torna mais lenta e, em seguida, explode a voz de **Agnetha dos Abba**.

Os efeitos emotivos da música são produzidos, com mecanismos diversos, pelas notas, pelo ritmo, pelos instrumentos e pelo uso da voz. Os efeitos do ritmo são simples e dependem substancialmente da velocidade da música. Tempos inferiores a 60 batidas por minuto têm um efeito tranquilizante, enquanto de 80-90 bati-

das por minuto ou mais, o efeito é excitante. Esta resposta emotiva acontece porque a bateria, os tambores, o contrabaixo e o baixo elétrico recordam o som das batidas do coração. Em todos os casos são o cérebro e os outros circuitos cerebrais das emoções que reagem espontaneamente e irracionalmente às mensagens implícitas contidas nas canções.

De fato, o Professor **Robert Zatorre** e o seu grupo de neurocientistas da **McGill University** estudaram que música emocionalmente intensa libera a dopamina, chamada também de neurotransmissor de felicidade, como recompensa agradável no cérebro, de modo semelhante aos efeitos do alimento. Tudo isto fez sentir um bem-estar e motiva a repetir o comportamento e, portanto, a ouvir novamente aquela canção que leva às lágrimas. Pode-se dizer que quanto mais emoção provoca uma canção, que seja patética ou edificante, mais se deseja ardentemente ouvi-la de novo.



Atlas: as escaladas da alma

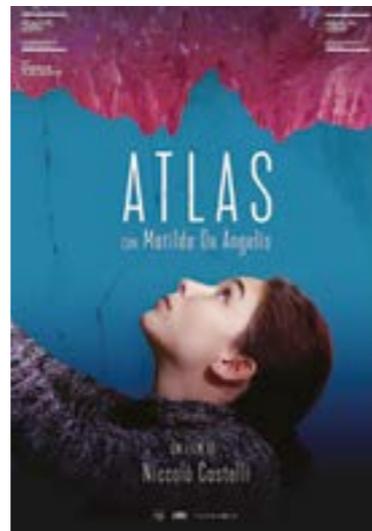
Andrea Petralia

andrea.petralia95@gmail.com

“No alto da montanha estão todos os sonhos. Dentro de um ambiente fechado, ao invés, estão todos perdidos. Desde as Dolomitas nas quais se vê distante, na escuridão”. Atlas é a longa-metragem do cineasta Niccoló Castelli que usando o contínuo contraste luz e escuridão narra a difícil viagem de uma jovem mulher às voltas com uma terrível dor.

É um projeto que exigiu uma longa gestação, cerca de seis anos, e é inspirado no atentado de estilo jihadista ao *Café Argana* de *Marrakech*, em 28 de abril de 2011, no qual perderam a vida 17 pessoas entre as quais três jovens suíços. Allegra, a protagonista, vive uma vida repleta de paixões em Lugano, município suíço do Cantão Ticino, entre a família e um grupo de amigos entre os quais o noivo *Benni*, a amiga *Sofia* e seu namorado *Sandro*. Juntos se divertem nos concertos e, sobretudo, fazem escaladas aos altos do território nas vizinhanças. Allegra um dia sugere que experimentem algo mais exótico, escalando os montes do Atlante, em Marrocos. Ali, os quatro vão se encontrar envolvidos por um ataque terrorista que irá mudar a vida de Allegra.

Atlas é um drama maduro sobre a elaboração do luto e sobre a relação com o outro, o diferente, e é estruturado como um delicado estudo de caráter de uma jovem ainda em crescimento. A firma é de Niccoló Castelli, regista que tem o mérito de dar uma ambientação original a uma história de outro modo já vista. De fato, o documentário na cidade de Lugano, fundindo elementos geográficos e culturais ao percurso de vida e de crescimento de Allegra. A escalada está no centro do filme, objetivo correlativo da luta de Allegra, mas há também o lago, que a jovem frequentemente recorda de haver trocado pelo mar quando era menina, e os trens sobre os quais trabalha, com o fluir de vidas diversas. A perda, a culpa e a reabilitação entram assim em diálogo com os temas do fechamento e da proteção de uma comunidade, entre um pai que olha com desconfiança o externo e as histórias de personagens como *Arad* (Helmi Dridi), um jovem muçulmano refugiado que em sua música e suas cicatrizes representa a possibilidade de repensar o preconceito. Estas sugestões aparecem no pano de fundo da narrativa que se centra na face da protagonista (*Matilda De Angelis* atriz



que se mostra mais madura) focando sobre ela o objetivo, frequentemente com uma câmera em mãos, examinando todas as suas desconfianças em um retrato sério e apaixonante, que em momentos recorda a abordagem ao mesmo tema do extraordinário. “*Quel giorno d'estate*” de *Mikhael Hers*. De notável realização técnica, em particular a fotografia e a montagem, que enriquecem a componente dramática com um respiro contemporâneo e internacional, para um filme bem girado que não teme ultrapassar confins. As sequências de escalada alegram momentos de tirar o fôlego e são tratadas por Castelli com a mesma sacralidade que a elas *Allegra* reserva. Não são apenas uma metáfora, mas um mundo pleno, em si mesmo.

Allegra, a atriz protagonista, interpretada por *Matilda De Angelis*, tem 25 anos e faz parte de uma geração habituada a raciocinar em escala europeia, movendo-se com desenvoltura entre as nações e conhecendo coetâneos provenientes de culturas distantes. Através de experiência do

Erasmus, certamente, mas também com a curiosidade estimulada pela possibilidade de ter acesso a muitas outras informações a respeito do passado. A geração de *De Angelis*, é também aquela que cresceu comparando-se com um mundo que viveu momentos difíceis pelo terrorismo. *Bataclan*, o local parisiense, foi cenário do atentado de 13 de novembro de 2015, no qual um comando do ISIS matou 130 pessoas, especialmente jovens ou juveníssimos, que estavam assistindo o concerto dos ‘*Eagles of Death Metal*’.

Apaixonada por escaladas e pela música ela se encontra em Marrocos quando foi vítima, com o companheiro e um casal de amigos, de um terrível ataque terrorista. Foi a única sobrevivente. Embora o corpo, mesmo que ferido, esteja aos poucos sarando, o trauma que a atormenta parece inexoravelmente consumá-la. O medo e o desejo de vingança são os únicos sentimentos que a impulsionam rumo ao um mundo feito de solidão e incompreensão. *Allegra*, impermeável aos esforços de sua família e de seus amigos para aliviá-la do sofrimento, quer absolutamente



enfrentar sozinha um trauma pessoal que todos desejam poder partilhar. A protagonista de *Atlas* deve empreender um longo caminho rumo a um tipo de aceitação, uma luta contra si mesmo em busca de um raio de luz em um céu mais escuro do que a noite. E o único modo para renovar o seu pacto com a vida é renascer, oferecer-se uma nova possibilidade, confiar na relação com o outro. O encontro inesperado com *Arad*, jovem refugiado do Oriente Médio lhe permitirá confrontar-se com os fantasmas do passado, com um trauma que não consegue reelaborar. Confiar em alguém que não conhece, enfrentar novamente a vida com a positividade e a liberdade que a habitavam, parece para Allegra uma meta inatingível. E é esse mesmo o objetivo: a possibilidade de conquistar mais liberdade conseguindo sair da própria perspectiva e caminhando rumo ao conhecimento do outro. Em *Atlas*, sentem-se a respiração e as batidas aceleradas do coração da protagonista, se percebe o que pensa desde seu olhar. O cineasta a segue, partilha o seu medo, sua raiva e frustração, mas, também, a confiança no futuro, antes do atentado. No longa metragem se cruzam frequentemente passado e presente e graças ao trabalho de montagem de Esmeralda Calabria, se sobrepõem os diversos planos temporais nos quais o antes e o depois criam duas figuras diversas, autônomas, separadas uma da outra, embora tenham a mesma face, o mesmo corpo, a mesma voz. Castelli é atento

“Atlas é uma tentativa de compreender como é possível superar os nossos medos no encontro e na abertura ao diferente” (Niccoló Castelli, regista).

às geografias da paisagem: as montanhas, as estradas de Lugano, os percursos em trens onde *Allegra* trabalha. A crítica releva a pouca atenção das figuras secundárias, a começar pelos pais da protagonista e da amiga Júlia. Resulta um pouco desfocado também o personagem de Arad assim como a tentativa de refletir sobre a condição de imigração.

Matilda De Angelis arrasta quase sozinha a narração. Sua elaboração do luto é envolvente e direta. Menos a dos outros personagens a começar pela dor conservada de *Neri Marcorè* no papel do pai de Sofia. O regista mostra um domínio do recurso cinematográfico capaz de ultrapassar as fronteiras, unindo as grandes ambições a uma vontade de escavar na profundidade do plano psicológico, com momentos de grande drama íntimo que se valem do talento recitativo da personagem e do resto do cast. Esta história parece dizer, hoje, que um modo para tornar a sorrir, é a construção e a reconstrução da relação com o outro. No fundo, sem o outro não se faz outra coisa senão colocar a própria vida nas mãos de alguém que te dá segurança.

Atlas é a evolução do discurso encaminhado no primeiro filme de “Castelli Tutti giù de 2012,” mas sem a impostação coral, deixada de lado para dar espaço à dor de uma pessoa, cujo percurso em ascensão, em sentido físico e emocional, torna notavelmente preciosa a oferta cinematográfica do cantão itálico da Suíça.

mentos de grande drama íntimo que se valem do talento recitativo da personagem e do resto do cast. Esta história parece dizer, hoje, que um modo para tornar a sorrir, é a construção e a reconstrução da relação com o outro. No fundo, sem o outro não se faz outra coisa senão colocar a própria vida nas mãos de alguém que te dá segurança.



A chamada de Alessandro D’Avenia

Emilia Di Massimo, FMA
emiliadimassimo@libero.it

E se a chamada não fosse um simples elenco? Se pronunciar um nome significasse fazer existir um pouco mais quem o leva? Então a resposta “presente” conteria o segredo para uma adesão corajosa à vida. Esta é a escola que Omero Romeo sonha, no centro do romance “A chamada” de Alessandro D’Avenia.

Quarenta e cinco anos, óculos de sol sempre na face. Omero é chamado suplente de Ciências em uma classe que deve enfrentar os exames de maturidade. Uma classe-gueto, na qual estão os casos desesperados da escola. O desafio parece impossível para ele que se tornou cego e não sabe se será ainda capaz de ensinar ou talvez até de viver. Não podendo ver a face dos alunos, inventa um novo modo de fazer chamada, convicto de que para salvar o mundo seja necessário salvar cada nome, mesmo que a usá-lo sejam, por exemplo, uma menina que esconde uma ferida incurável, um *rapper* que vive em uma casa-família, um *nerd* que entra em contato com os outros somente por detrás de uma tela, uma filha abandonada, um aspirante de pugilista que sonha tornar-se como Rocky... Ninguém os via, no entanto o professor cego consegue vê-los.

■ O que existe em um nome?

“De manhã à noite, todos lutamos para que o nosso nome seja pronunciado como se deve. Assim o procuramos em toda parte, em um ambiente de trabalho, em uma relação, em uma notícia, em uma veste, em



um recorde, em uma paixão, na violência, na ambição, na dependência e na destruição, no domínio e no prazer, em uma tumba e na escolha de algo ou de alguém a quem pertencer; porque isto é ter um nome: ter algo ou alguém que o conserve de modo seguro". O romance de Alessandro D'Avenia poderia ser sintetizado em tal afirmação, na força evocativa que se percebe quando se pronuncia o nome de uma pessoa, seja quando se sente proferir o próprio nome: é esta experiência que vive uma classe de alunos etiquetados oficialmente como os desesperados da "Quinta D".

O protagonista do romance é um Professor de Ciências, Omero Romero que se tornou cego devido a uma doença rara, mas que, apesar disso, decidiu voltar a lecionar. Não vidente, como o seu célebre homônimo grego, Omero aprendeu a sentir a realidade através dos sentidos, particularmente o do tato: "acaricio o registro aberto com as pontas dos dedos até sentir os nomes escritos à mão na coluna da esquerda, como se pudesse aprendê-los de cor, tocando-os". Romeo não é um professor tradicional, não concebe a escola como noionismo, isto é, cultura fundada exclusivamente sobre o acúmulo de noções; também não considera que a formação seja orientada unicamente ao futuro sucesso profissional. Ele tem interesse especialmente em conhecer

"As faces são como mapas, contém a geografia da alma, espaço ao qual é preciso dar um nome e uma história".

Omero assume esta tarefa conferindo-lhe em profundo significado, dedicando-lhe um largo tempo, fazendo com que os próprios alunos pronunciassem o próprio nome narrando o que os caracteriza como se devessem "descrever um mineral nas suas manifestações essenciais: a conformação física, a estrutura cristalina, a origem, a propriedade".

Desta maneira aprende-se a conhecer os meninos, compreender suas dores, os sonhos e os desejos

de fato os adolescentes, guiá-los no processo de crescimento para que, cada um se torne aquilo que é chamado a se tornar. A chamada é o instrumento privilegiado que favorece a mudança de relação entre professor e aluno e

porque a chamada se desenvolve no curso de todo o ano escolar, de modo que se percebe a evolução da personalidade dos jovens da qual emergem os lados mais obscuros que, a partir da sabedoria do professor, se transformam em oportunidades e se tornam uma convicção essencial: "Desperdiçamos a maior parte do nosso tempo e das nossas energias escondendo-nos, mas bem no fundo desejamos vir à luz. Somos feitos para nascer, não certamente para morrer".

■ Aquilo que torna possível a visão

O amadurecimento gradual não é somente dos adolescentes: Romeo evolui ao longo do ano só aprendendo aquilo que são e como vivem os jovens, mas também mediante as explicações nas quais incentiva cada um a interrogar-se sobre o mundo que o circunda afirmando que "o importante é não parar nunca de se interrogar. Não se pode evitar de experimentar reverência quando se observam os mistérios da eternidade, da vida, a maravilhosa estrutura da realidade".

D'Avenia narra a escola incidindo sobre o leitor porque a viu por dentro, testemunhando um a experiência de relação entre o mestre e o discípulo, na qual ambos ensinam e aprendem, como se evidência a partir das múltiplas formas literárias, das linguagens diversas das quais o autor se serve tornando o romance uma história de formação: de instrumentos isolados a classe se torna uma orquestra dirigida por um mestre cego: educar é "acolher as vozes dissonantes, descobrindo que na realidade estão todas ligadas por um único respiro".

Isto inclui também o inevitável insucesso do qual o professor aprende, diversamente não teria condições de olhar aqueles

olhos jovens que, como na relação entre os marinheiros e o mar, "Fazem a vida e pela vida são feitos". A experiência de insucessos não é oculta por Omero; ele ensina que "acontece todos os dias nos quais a vida se mostra por aquilo que é: uma traição. Não porque de fato nos traia, mas porque nos despe de todas as ilusões com as quais nós a traímos". De fato, se os adolescentes são fascinados pelo novo docente, não o são o diretor, nem os colegas, nem os pais: ligados `escola tradicional, não partilham a novidade da 'chamada'. Uma revolução começou nos jovens e será um ponto de partida ao término do ano no qual restará principalmente o "haver guardado os nomes, nada mais, porque cada nome que salvamos é um pedaço do mundo que salvamos e, se somente usássemos o tempo para escutar, estas vidas, quem sabe quantas, se salvariam por isto".

O romance sobre a escola e sobre adolescentes é de particular atualidade em relação a quantos jovens têm vivido durante a pandemia, mas o é de modo especial enquanto eles parecem permanecer constantemente não ouvidos, particularmente no interior da escola. No entanto, manifestam de modos diversos o desejo de narrar-se: "Nestes anos são eles que me obrigaram, por vezes de modo doloroso, a olhar onde não sabia ou não queria olhar, porque tinha as minhas ideias, as minhas convicções, as minhas hipocrisias", afirma o Autor.

Subjacente ao romance está o "Mito da caverna" de Platão, alegoria da educação, para a qual o escritor grego utiliza o fogo para representar o conhecimento, a verdade com os homens sobre o muro e a sombra na qual veem a sua interpretação, ensinando que somente enfrentando a verdade pelo lado luminoso, somente escavando o muro e saindo da caverna se pode ter condições de ver a efetiva realidade das coisas e de ser livres para olhar o mundo com os olhos da verdade. Esta é a lição transmitida pelo professor cego a tal ponto que conseguiu liberar os estudantes de uma caverna, aquela habitada pelas sombras da imagem de si, dos segredos jamais revelados do próprio coração e da própria história, conduzindo cada um à luz, iniciando uma revolução na educação que leva a interrogar-se: "De quanto amor precisamos para ter uma face?".



Tempo de...

Queridos amigos,

Como vocês estão? Eu gostaria tanto de ouvi-los. Imagino que cada um esteja fazendo um belo caminho no dia a dia e, talvez, se compreenderam bem o que é geratividade, estou certa de que têm muitas experiências significativas para nos relatar.

O tempo corre e Deus continua realizando Histórias de Salvação nas nossas realidades. Portanto, gostaria de convidá-los para uma reflexão sobre aquilo que nos ajuda e olhar para o futuro com esperança, porque Deus “faz novas todas as coisas”, sempre.

O correr dos dias nos leva a reconhecer as etapas que se concluem em nossa vida, mas que por sua vez deixam lugar para a novidade de outras que se seguem.

Olho hoje para minha vida e também a de todos nós, agradecendo a Deus pelos anos que nos permitiu partilhar a missão como Comunidades Educativas, colaborando na evangelização missionária *com* e *para* os jovens, no caminho do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora do qual no próximo ano, celebramos os 150 anos de presença na Igreja e no Mundo. E assim, o Instituto das FMA continuará seu caminho de santidade.

Neste contexto de celebração, aguardamos a realização do CGXXIV, em uma atitude escatológica como São Paulo expressa: “Tendo-lhe sujeitado todas as coisas, nada restou que não lhe fosse submisso. Todavia, no presente não vemos ainda que todas as coisas estejam submetidas a Ele. Porém aquele Jesus, que foi feito um pouco inferior aos anjos, O vemos agora coroado de glória e de honra em virtude da morte que sofreu, para que, pela graça de Deus, Ele experimentasse a morte em favor de todos” (Hb 2,8-9). Nesta passagem, temos um “agora” e um “ainda não”.

O Instituto FMA havia encaminhado o percurso de preparação para o Capítulo Geral XXIV, mas quando pensávamos realizá-lo em 2020

e, depois, em maio de 2021, a situação da Pandemia nos levou a viver a experiência do “ainda não”. Parece mesmo que Deus, no caminho pré-capitular, nos tenha feito colher o significado profundo do estarmos imersas no Coração da contemporaneidade: um mundo que vive a alegria da solidariedade na busca de caminhos mais dignos para todos, e também, um mundo que “sofre as dores do parto”, oferecendo-nos oportunidade de ser comunidades geradoras de vida, diante da cultura de morte que parece prevalecer.

Como se alargou o nosso olhar na direção do futuro do mundo, da Igreja, nas nossas famílias, nas nossas Comunidades Educativas? Queridos amigos, fecha-se outra etapa da revista e na expectativa dos desafios que o CGXXIV nos deixará, eu os convido a continuar construindo “um futuro de esperança” com a certeza de que Deus está no meio de nós. Esta certeza encorajou Dom Bosco e Madre Mazzarello na construção de um Instituto voltado para os jovens. Continuemos encarnando o Carisma que nos chega pelas mãos de Maria Auxiliadora que continua a fazer “tudo” e que nos convida a fazer tudo aquilo que Jesus disser.

Rezemos pelo CGXXIV e pelo desafio de habitar estes tempos difíceis como possibilidade, com o coração repleto de esperança.

Palavra de Camila



... rumo ao sesquicentenário do Instituto das FMA

O fio condutor de toda a vida de Maria Domingas Mazzarello é o seu constante "cuidar", dimensão típica da feminilidade e da geratividade. Cuidar é acolher a vida e colocar-se a seu serviço, incondicionalmente e implica a escolha livre e responsável de assumir um caminho que leve, gradualmente, a cultivar atitudes e práticas para promover a pessoa em todas as suas dimensões. Um caminho que se renova, se regenera justamente no encontro com a unicidade do outro, assim como acontece no episódio da menina com seu vestido bem gasto.

"Em um passeio em maio, ao Santuário da Rocchetta, em Lerma, Madre Mazzarello deu um belo exemplo de caridade para uma menina de cinco ou seis anos. Tendo-a visto toda em trapos, mal coberta e sofrida, logo partilhou com ela a sua provisão e não sabendo como melhor cobri-la, perguntou às Irmãs: "Aquele de vocês que usa a saia em melhores condições, por favor, dê-a a mim". Logo que a teve em mãos, distribuiu as várias partes às Irmãs para que a costurassem; costurou também ela com aquela agilidade que lhe era própria e foi conversando com a menina sobre o Catecismo e lhe ensinando a recitar as orações.

Concluída a costura, veste-a com o novo vestidinho, faz um pacotinho dos retalhos e o dá à menina dizendo: Leve estes retalhos para sua casa e os dê à sua mãe. Poderão servir para remendar esta veste quando estiver rasgada". Depois, sabendo que a menina tinha irmãozinhos, acrescentou alguns pães e queijo, dizendo-lhe: Agora, volte para casa. Isto você poderá comer em companhia deles". Assim a menina volta toda contente para junto dos seus. À tardezinha, já em casa, ao falar do passeio a toda a comunidade, disse: " Hoje, no caminho, encontramos uma menina pobre, toda suja...esfarrapada... que causava realmente compaixão. Como me alegrei de ver que as Irmãs se apressaram em acariciar com afeto e caridade"

(Cf. Maccono Ferdinando, *Santa Maria D. Mazzarello Confondatrice e prima Superiora generale delle Figlie di Maria Ausiliatrice*, Torino Istituto FMA 1960, I, 407-408).



Maria Domingas Mazzarello está atenta a toda situação, a todo encontro que solicita, mesmo no silêncio, auxílio, escuta, cuidado. Seu olhar atento, a atenção ao outro a torna sempre mais próxima à vivência da menina. Main, porém, não se coloca sozinha a serviço da menina. Seu método educativo se baseia sobre a corresponsabilidade e sobre a finalidade educativa, perseguida graças à sua dinâmica comunitária dialógica e a uma pluralidade de relações. Desde seu nascer, "o Colégio de Mornese" se identifica de fato, como "casa de educação" [...] A meta última de formação integral dos jovens é buscada com reponsabilidade e unidade de intenções da parte da todas as Filhas de Maria Auxiliadora e das outras presenças adultas que colaboram na mesma missão, segundo a peculiaridade de sua formação. (Cf. Ruffinatto Piera, *La relazione educativa*. LAS)

A práxis educativa de Maria Domingas e de toda FMA é cuidar das jovens propondo um itinerário de crescimento que leve cada uma a se tornar pessoa humana aberta, acolhedora e solidária. No atual contexto social, a marca feminina do cuidado educativo é uma das exigências de que as/os jovens têm maior necessidade. "A veste gasta" podemos vê-lo em tantas jovens e em tantos jovens de hoje. Uma veste existencial esfarrapada, estragada e gasta em tantos pontos pede uma intervenção educativa para torná-la nova.

Nós consideramos a EDUCAÇÃO
uma das vias mais eficazes
para HUMANIZAR o mundo e a história.
A educação é uma questão de AMOR
e de RESPONSABILIDADE
que se transmite no tempo
de GERAÇÃO em GERAÇÃO.

*(Videomensagem de Papa Francisco
para o Global Compact on Education)*



Istituto Figlie di Maria Ausiliatrice
Salesiane di Don Bosco

